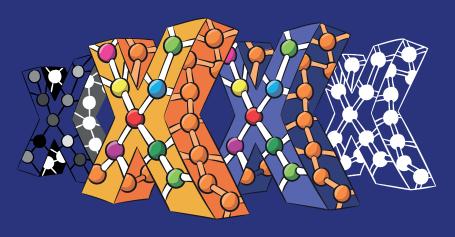
AMAZÔNIA DO CRIME. O PCC E O CV DESCOBREM A VANTAGEM DO GARIMPO E DA EXPLORAÇÃO ILEGAL DE MADEIRA, ATIVIDADES MAIS SEGURAS QUE O TRÁFICO

TRAGÉDIA EM PETRÓPOLIS. OS EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS SERÃO CADA VEZ MAIS FREQUENTES, MAS O PODER PÚBLICO SÓ SE MOVE EM DESASTRES CONSUMADOS

A GUERRA FRIA DE PUTIN

O PRESIDENTE RUSSO SABE EXPLORAR A INDECISÃO DO OCIDENTE E A DEBILIDADE DE BIDEN

— O “CAMARADA” BOLSONARO EM MOSCOU —

MÁSCARA, CONFINAMENTO, TESTE DE PCR, HOMENAGEM AO SOLDADO COMUNISTA... SÓ FALTOU TOMAR A VACINA SPUTNIK

MOVIMENTO EM DEFESA DA CAIXA PÚBLICA,
DOS BANCÁRIOS E DO BRASIL.

"Caixa Social
é Caixa Pública.
Social é ser
Pública"

Os empregados e empregadas são a força motriz que protege a Caixa e permite que ela alcance todos os cantos do país. São mais de 84 mil pessoas, que seguem atuando para garantir a efetividade das políticas públicas de educação, saneamento, agricultura, moradia e sustentabilidade.

Mas, o banco público está sob ameaça de privatização e essa força precisa do apoio dos 211 milhões de brasileiros e brasileiras. Por isso, os bancários e bancárias da Caixa estão fazendo um chamamento público e pretendem envolver toda a sociedade para defender a Caixa pública e reforçar a importância do banco para todos e todas.

Junte-se ao movimento em defesa da Caixa!

CartaCapital

23 DE FEVEREIRO DE 2022 • ANO XXVII • Nº 1196

No Canadá, queixas legítimas se misturam com ódio racial e pautas radicais. Pág. 48

Seu País

Capa: Pilar Velloso. Foto: Wang Zhao/AFP

Economia

Nosso Mundo

Plural

DAVE CHAN/AFP E EDILSON DANTAS/AGÊNCIA O GLOBO

CENTRAL DE ATENDIMENTO FALE CONOSCO: HTTP://ATENDIMENTO.CARTACAPITAL.COM.BR

CartaCapital

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mino Carta
REDATOR-CHEFE: Sergio Lirio
EDITOR-EXECUTIVO: Rodrigo Martins
CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo
EDITORES: Ana Paula Sousa, Carlos Drummond, Mauricio Dias e William Salasar
REPÓRTER ESPECIAL: André Barrocal
REPÓRTERES: Ana Flávia Gussen, Cleide Sanchez Rodriguez, Fabíola Mendonça (Recife) e Maurício Thuswohl (Rio de Janeiro)
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Mara Lúcia da Silva
DIRETORA DE ARTE: Pilar Velloso
CHEFES DE ARTE: Mariana Ochs (Projeto Original) e Regina Assis
DESIGN DIGITAL: Murillo Ferreira Pinto Novich
FOTOGRAFIA: Renato Luiz Ferreira (Produtor Editorial)
REVISOR: Hassan Ayoub
COLABORADORES: Afonsinho, Alberto Villas, Aldo Fornazieri, Antonio Delfim Netto, Boaventura de Sousa Santos, Cássio Starling Carlos, Celso Amorim, Ciro Gomes, Claudio Bernabucci (Roma), Djamila Ribeiro, Drauzio Varella, Emmanuele Baldini, Esther Solano, Flávio Dino, Gabriel Galípolo, Guilherme Boulos, Hélio de Almeida, Jaques Wagner, José Sócrates, Leneide Duarte-Plon, Lídice da Mata, Lucas Neves, Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Manuela d'Ávila, Marcelo Freixo, Marcos Coimbra, Maria Flor, Marília Arraes, Murilo Matias, Ornilo Costa Jr., Paulo Nogueira Batista Jr., Pedro Serrano, René Ruschel, Riad Younes, Rita von Hunty, Rogério Tuma, Sérgio Martins, Sidarta Ribeiro, Vilma Reis, Walfrido Warde
ILUSTRADORES: Eduardo Baptistão, Severo e Venes Caitano

CARTA ON-LINE
EDITORA-EXECUTIVA: Thais Reis Oliveira
EDITORES: Alisson Matos e Brenno Tardelli
EDITOR-ASSISTENTE: Leonardo Miazzo
REPÓRTERES: Ana Luiza Rodrigues Basilio (CartaEducação), Getulio Xavier, Marina Verenicz e Victor Ohana
VÍDEO: Carlos Melo (Produtor)
VÍDEOMAKER: Natalia de Moraes
ESTAGIÁRIOS: Caio César, Camila da Silva e Natane Pedroso
REDES SOCIAIS: João Paulo Carvalho
SITE: www.cartacapital.com.br

basset editora

EDITORA BASSET LTDA. Rua da Consolação 881, 10º andar. CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

PUBLISHER: Manuela Carta
DIRETOR DE OPERAÇÕES: Demetrios Santos
EXECUTIVA DE NEGÓCIOS: Keisy Andrade
GERENTE DE TECNOLOGIA: Anderson Sene
ANALISTA DE CIRCULAÇÃO: Ismaila Alves
AGENTE DE BACK OFFICE: Verônica Melo
CONSULTOR DE LOGÍSTICA: EdiCase Gestão de Negócios
EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos, Fábio André da Silva Ortega, Raquel Guimarães e Rita de Cássia Silva Paiva

REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:
RIO DE JANEIRO: Enio Santiago, (21) 2556-8898/2245-8660, enio@gestaodenegocios.com.br
BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br
CE/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, agholanda@Agholanda.com.br
MG: Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoaureliomaia@gmail.com
OUTROS ESTADOS: comercial@cartacapital.com.br

ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Firbraz Serviços Contábeis Ltda. Av. Pedroso de Moraes, 2219 – Pinheiros – SP/SP – CEP 05419-001. www.firbraz.com.br, Telefone (11) 3463-6555

CARTACAPITAL é uma publicação semanal da Editora Basset Ltda. CartaCapital não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. As pessoas que não constarem do expediente não têm autorização para falar em nome de CartaCapital ou para retirar qualquer tipo de material se não possuírem em seu poder carta em papel timbrado assinada por qualquer pessoa que conste do expediente. Registro nº 179.584, de 23/8/94, modificado pelo registro nº 219.316, de 30/4/2002 no 1º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa.

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP
DISTRIBUIÇÃO: S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)
ASSINANTES: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

CENTRAL DE ATENDIMENTO

Fale Conosco: http://Atendimento.CartaCapital.com.br
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

Edições anteriores: avulsas@cartacapital.com.br

CARTAS CAPITAIS

NINGUÉM SABE, NINGUÉM VIU

Difícil classificar o diretor do Seinfra: é gozador, cínico ou simplesmente irresponsável? É inadmissível que um funcionário público tão graduado na burocracia do Cerrado encare com tanta naturalidade o desaparecimento de documentos sob sua guarda. Não será surpresa alguma se também tomar chá de sumiço o processo sobre a atuação de Sergio Moro na consultoria Alvarez & Marsal. O ex-juiz sempre está envolvido em situações nebulosas.
Elisabeto Ribeiro Gonçalves

OS CONDENADOS DA TERRA

As diárias violências de autoridades policiais nas comunidades Brasil afora são resultado de décadas, senão séculos, de omissões governamentais em relação às funções de gestão na educação e demais atividades essenciais à nossa população. Resta, agora, conviver com essa quase guerrilha urbana, que só terá fim quando novas lideranças éticas e competentes assumirem o poder, capazes de solucionar ditas fragilidades que impedem a construção da grande nação que tanto sonhamos e temos condições de ser.
José de Anchieta Nobrega

CADA UM POR SI

Por trás da briga está a eleição em São Paulo, onde Bolsonaro lançará a candidatura do ministro Tarcísio de Freitas. A disputa pública estende-se ao Senado, desde que o presidente anunciou a intenção de lançar a candidatura de Damares Alves. A ideia fixa do presidente, repetida a aliados, é da reeleição com um "Senado diferente", sem entraves às propostas do governo.
Bethania Magalhães

Bolsonaro precisa permanecer na mídia. É o famoso "falem bem, falem mal, mas falem de mim". O governo nada construiu, mas não sai da mídia. Mal vejo a hora de não precisarmos mais falar sobre esta figura.
Marcia Tibau

MÃO GRANDE NA ELEIÇÃO

Por 30 anos Bolsonaro e seus filhos se elegeram e se reelegeram. Agora que vai perder, resolveu duvidar da lisura das eleições, e o gado segue o berrante.
Claudia Maria

DE PORTAS ABERTAS

Certamente, é Kalil que precisa de Lula, mas o prefeito não deixa clara a sua verdadeira opção política. Em 2023, o mundo e o Brasil precisarão de líderes de verdade, como Lula, o grande estadista brasileiro.
Alberto Frega

COMO SE CRIA UM APAGÃO DE DADOS

Há mais de um ano o País informa-se dos números da pandemia por meio dos veículos de comunicação privados. Um absurdo sem tamanho. O desgoverno criminoso dá uma projeção única da tragédia ao brasileiro.
Cal Lobo

FEMINISMO ONLINE

Sou feminista, mas o feminismo não pode ser usado como artifício político. Se quer entrar na política, o respeito tem de ser o mesmo entre homens e mulheres, isto é, pura educação e boas práticas. A mulher não tem de se esconder atrás de nada para ser respeitada.
Daniely Gardeny

PELA SUPERAÇÃO DO MODELO PREDATÓRIO

Pena que não fez isso antes. Belo Monte foi um crime contra o meio ambiente e os indígenas e ribeirinhos.
Luiz Ricardo

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

E-mail: cartas@cartacapital.com.br, ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.
•Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail **redacao@cartacapital.com.br**

A família em primeiro lugar

Cunhado do secretário da Cultura, Mário Frias, o servidor Christiano Camatti da Silva figura na folha de pagamentos da Embratur, autarquia do Ministério do Turismo, pasta à qual Frias é subordinado. Coordenador de infraestrutura e serviços, um cargo de confiança, ele recebe salário mensal de 18,4 mil reais, revelou o portal Metrópoles. Antes da nomeação, ele já era proprietário da empresa catarinense S&C Siderurgia e Metalurgia, em sociedade com a irmã, Juliana Frias – a mulher do secretário de Cultura. Não bastassem as evidências de nepotismo na contratação, Silva recebeu 4,2 mil reais de auxílio emergencial do governo entre abril e dezembro de 2020, acrescentou a *Folha de S.Paulo*, com base em dados do Portal da Transparência.

Lava Jato/

O inquisidor está nu

Gilmar Mendes, do STF, municia o CNJ de provas contra Marcelo Bretas

Crítico da Lava Jato no Supremo Tribunal Federal, o ministro Gilmar Mendes compartilhou com o Conselho Nacional de Justiça um conjunto de evidências contra o juiz Marcelo Bretas, da 7ª Vara Federal Criminal do Rio de Janeiro, para embasar o processo disciplinar movido pela Ordem dos Advogados do Brasil contra o magistrado. De acordo com uma reportagem publicada pela revista *Veja*, o material inclui relatos do advogado José Antonio Fichtner a acusar Bretas e procuradores da força-tarefa fluminense de "tortura psicológica" para forçar os acusados a delatar.

Fichtner incriminou o próprio irmão, Régis Fichtner, ex-chefe da Casa Civil de Sérgio Cabral, e detalhou o esquema de propinas do governador. Agora, ele acusa Bretas de manter uma parceria ilegal com o advogado Nythalmar Ferreira Filho, a quem teria prometido penas brandas ou mesmo a absolvição de clientes que contassem o que queria ouvir.

Segundo Fichtner, o criminalista teve acesso antecipado à quebra de seus sigilos fiscal e bancário. Depois o procurou com a promessa de livrá-lo de uma condenação de Bretas em troca de uma pequena fortuna em honorários advocatícios. O delator disse que Ferreira Filho chegou a listar para ele, dentro de um carro, todas as aplicações financeiras e contas bancárias que tinha. Como os dados eram confidenciais, ele entendeu que o advogado realmente tinha trânsito com o juiz.

O criminalista também teria vazado para o cliente confissões sigilosas de Cabral e revelado acordos de delação premiada em negociação. Em outubro do ano passado, Ferreira Filho tornou-se alvo de operação da Polícia Federal, acusado de cooptação indevida de clientes da Lava Jato. E, desde então, negocia um acordo de cooperação com a Procuradoria-Geral da República. Segundo relatos noticiados pela mídia, o advogado teria dito que Bretas atua, ao mesmo tempo, como "policial, promotor e juiz".

O juiz é acusado de manter parceria ilegal com criminalista para fabricar delações

Desafeto de Bretas, o deputado petista Paulo Pimenta celebrou a notícia nas redes sociais, e tornou-se alvo de uma ameaça de processo feita pelo magistrado. O parlamentar não recuou um milímetro: "Acho muito bom. Vou requerer acesso às delações para produzir provas (contra o juiz)".

Violência sexual/ Foragido no Brasil

A Itália solicita a extradição de Robinho, condenado por estupro

O Ministério Público de Milão despachou, na terça-feira 15, o pedido de extradição e o mandado de prisão contra Robinho. O atacante brasileiro foi condenado em última instância a nove anos de prisão pelo estupro coletivo de uma jovem albanesa de 23 anos. O crime ocorreu em uma boate da cidade em 23 de janeiro de 2013, quando ele atuava pelo Milan.

Robinho alega que a relação sexual foi consentida. Mensagens interceptadas pela polícia italiana desmontam, porém, a versão apresentada pela defesa. "Estou rindo porque não estou nem aí, a mulher estava completamente bêbada, não sabe nem o que aconteceu", disse Robinho após o incidente, segundo documentos anexados ao processo.

Agora, o Ministério da Justiça italiano está com a documentação necessária para solicitar a cooperação das autoridades brasileiras, informa o jornal *La Repubblica*. A Constituição brasileira impede a extradição de seus cidadãos por crimes cometidos no exterior. A Lei de Migração (13.445/17) prevê, porém, a possibilidade de execução da pena em território nacional nos casos em que a extradição não seja possível.

Robinho não tem mais como apelar na Justiça italiana

Telefonemas comprometedores

A Polícia Civil de São Paulo interceptou ligações telefônicas que mostram o presidente da Assembleia Legislativa paulista, o tucano Carlão Pignatari, negociando a entrega da administração de dois hospitais para organizações sociais ligadas ao médico Cleudson Garcia Montali, condenado a 200 anos de prisão por um esquema que desviou 500 milhões de reais da Saúde. O deputado participou da CPI das Organizações Sociais da Saúde, que investigou o setor em 2018, e o médico era um dos investigados. Poucos meses depois, foi flagrado fazendo pedidos ao suspeito. Em maio de 2019, por exemplo, Pignatari sugeriu que alguma OS ligada a Montali assumisse a gestão de um hospital em Santa Fé do Sul, no interior paulista. O deputado nega qualquer irregularidade e diz não ter interferido nas contratações.

Narcotráfico/ SOBROU PARA A "MULA"

SARGENTO É CONDENADO POR TRANSPORTAR COCAÍNA EM AVIÃO DA FAB

No jargão policial, "mula humana" é o nome dado aos indivíduos que transportam drogas para outros países na bagagem e acabam sendo presos, enquanto os verdadeiros donos do carregamento permanecem impunes. Na terça-feira 15, a Justiça Militar da União condenou uma "mula" a 14 anos e 6 meses de prisão por tráfico internacional de drogas. Trata-se do sargento da Aeronáutica Manoel Silva Rodrigues, flagrado em 2019 no aeroporto de Sevilha, na Espanha, com 37 quilos de cocaína pura em um avião da Força Aérea Brasileira. A aeronave levava a comitiva de Jair Bolsonaro ao Japão para um encontro do G-20.

Em fevereiro de 2020, a Justiça espanhola sentenciou o militar a seis anos e um dia de prisão, além de multa de 2 milhões de euros. No Brasil, o caso foi julgado por integrantes do Conselho Permanente de Justiça, presidido pelo juiz federal Frederico Magno de Melo Veras e mais quatro oficiais da Aeronáutica. Desde a prisão do sargento, a Polícia Federal investiga se outros militares foram cooptados pelo tráfico de drogas. Até o momento, não foi revelado quem seria o verdadeiro dono do milionário carregamento de cocaína.

Alguém acredita que o sargento era o verdadeiro dono da cocaína?

REDES SOCIAIS, RICARDO BORGES/FOLHAPRESS E BRUNO CANTINI/CLUBE ATLÉTICO MINEIRO

Para debaixo do tapete real

Filho da rainha Elizabeth II, o príncipe Andrew fechou um acordo com Virginia Roberts Giuffre, mulher que o acusa de ter mantido relações sexuais com ela quando era menor de idade, anunciaram os advogados do caso na terça-feira 15. O duque de York, que renunciou aos seus títulos militares no Reino Unido após a denúncia, se dispôs a indenizar a vítima para encerrar o caso. O valor do acordo não foi revelado. No processo, Giuffre alega que Andrew manteve relações quando ela tinha 17 anos. Os abusos teriam ocorrido em uma ilha e na mansão de Jeffrey Epstein em Manhattan. Ela também teria sido forçada a fazer sexo com o príncipe em Londres. Epstein se suicidou em uma prisão nos EUA em 2019, enquanto aguardava julgamento por acusações de tráfico sexual de menores.

EUA/ Reparação inédita

Fabricante de armas indenizará famílias de vítimas de massacre em escola

A Remington Arms, a mais antiga fabricante de armas dos EUA, pagará indenização de 73 milhões de dólares às famílias de nove vítimas do massacre na escola primária de Sandy Hook, ocorrido em 2012, na cidade norte-americana de Newton, em Connecticut. Na terça-feira 15, a empresa celebrou um acordo após ser processada pelas famílias de quatro crianças e cinco adultos mortos no ataque. Trata-se do primeiro caso em que uma indústria de armas é responsabilizada por um tiroteio em massa no país.

No episódio, Adam Lanza, de 20 anos, usou um rifle semiautomático da Remington para assassinar 20 estudantes e seis adultos na escola. Depois, o atirador se matou. Desde 2014, familiares das vítimas tentam responsabilizar a empresa que produziu e vendeu a arma usada no massacre, embora uma lei norte-americana dificulte a responsabilização das fabricantes de armas de fogo em litígios civis.

Desde 2014, familiares lutam para responsabilizar a empresa

Em março de 2019, a Suprema Corte de Connecticut autorizou, porém, o prosseguimento da ação, decisão baseada em uma lei estadual que protege os consumidores contra *marketing* fraudulento. Os litigantes acusaram a Remington de ter promovido o rifle Bushmaster por meio de mensagens de combate e violência que atraíram jovens com problemas como Lanza. As indenizações serão pagas por meio de apólices de seguro.

O ex-guerrilheiro Hugo Torres morreu sob custódia do Estado

Nicarágua/ ESCALADA AUTORITÁRIA

ORTEGA ENDURECE O REGIME E TOMA O CONTROLE DE UNIVERSIDADES

Um mês após ser empossado para o seu quarto mandato, o presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, endureceu o regime e assumiu o controle de 12 universidades privadas. Muitas delas tinham servido de abrigo para os militantes de oposição que protestaram contra o governo durante a rebelião popular de 2018. Enquanto os críticos acusam Ortega de se vingar das instituições, assim como vem fazendo com os opositores de seu regime, o governo diz que o cancelamento da concessão às universidades se deve ao fato de elas não apresentarem os informes financeiros a um departamento governamental.

No sábado 12, o ex-guerrilheiro Hugo Torres, de 73 anos, morreu sob custódia do Estado. Ele lutou na Revolução Sandinista e participou de uma arriscada ação para resgatar Ortega e outros presos políticos da ditadura de Anastasio Somoza, em 1974, mas distanciou-se do hoje presidente há mais de 20 anos. Vítima de torturas no cárcere, Torres era um dos 46 políticos confinados no presídio de El Chipote por fazer oposição a Ortega. Acusados de "minar a integridade nacional", alguns deles foram condenados a 13 anos de reclusão.

JOE READLE/GETTY IMAGES/AFP E OSCAR NAVARRETE/AFP

PEDRO SERRANO

Liberdade de expressão

▶ Quem defende a licença para fazer apologia ao nazismo não quer garantir um direito, mas exercer um privilégio

O tema da liberdade de expressão tem obtido notoriedade mais pelo mau uso que dela fazem, sob o pretexto de uma garantia de direitos, do que pelo seu valor intrínseco a uma vida democrática. Recentemente, esses tropeços a que temos assistido na reivindicação desse suposto direito de liberdade receberam contribuições emblemáticas do apresentador de *podcast* Monark e do deputado federal Kim Kataguiri (DEM-SP), em uma conversa na qual o nazismo foi colocado sob a perspectiva da liberdade expressão e até mesmo de organização político-partidária.

Sem me ater ao teor do debate, amplamente divulgado, posso dizer que a visão do apresentador está associada a uma proposta libertarianista ou anarcocapitalista, fundamentada em uma concepção de liberdade absoluta que, ao contrário do que parece, se opõe à ideia de direito de liberdade. Quem quer liberdade absoluta não quer garantir direito de liberdade, mas sim fazer valer um privilégio.

Nas revoluções norte-americana e francesa, mas sobretudo nesta última, a ideia de direito surgiu em oposição àquela de privilégio. Os direitos implicam uma prerrogativa a ser exercida universalmente por todos, enquanto o privilégio é uma prerrogativa a ser exercida por poucos, por uma elite, por grupos detentores de poder. E, para que o direito seja exercido por todos, ele tem de ser limitado pelo próprio direito – o direito do outro. Na ciência do Direito, discute-se se essa limitação tem caráter *prima facie*, isto é, se ela se dá em abstrato no próprio texto da norma, ou se ela se realiza ao ser aplicada no caso concreto. De qualquer forma, é consenso que direitos precisam ser limitados, justamente para que possam se tornar universais.

A compreensão de liberdade absoluta sempre implicará a ofensa à liberdade do outro, resultando em livre opressão ou na possibilidade de os mais fortes economicamente se sobreporem aos mais fracos. A posição defendida por Monark não é nazista, mas de outro tipo de autoritarismo – o libertarianismo. E para demonstrar a inconsistência dos argumentos libertarianistas não é preciso contrapô-los a um pensamento de esquerda, mas ao pensamento liberal clássico. No Direito, a propriedade tem um sentido de uso/gozo, de disposição e reivindicação, mas para este artigo o que é fundamental é a prerrogativa de disposição, que interessa à ideia de propriedade, ou seja, quem é proprietário pode dispor daquilo que possui.

No liberalismo clássico, o direito de liberdade sempre foi associado a uma noção de propriedade do próprio corpo. A propriedade patrimonial deriva daí, pois aquele que é dono do próprio corpo pode trabalhar e, com seu trabalho, seu empenho corpóreo, ter a possibilidade de se apropriar de bens materiais. Agora, se esse é um direito universal, implica a impossibilidade de alguém ser dono do corpo do outro, pois cada um e todos têm o mesmo direito ao próprio corpo.

O exercício de uma liberdade tão ampla como a proposta por Monark, no extremo, se estenderia à propriedade do corpo do outro. Dessa perspectiva, legitima-se a existência de um partido nazista que propõe extinguir a vida de uma minoria. Ou de uma agremiação política como o Partido da Caridade, Liberdade e Diversidade, criado por libertarianistas na Holanda, que, de uma só vez, levanta a bandeira da liberdade de expressão, da legalização do sexo entre adultos e crianças a partir dos 12 anos e da permissão para posse de pornografia infantil, mais um exemplo assustador de como o exercício de uma liberdade sem limites pode resultar em aberrações inacreditáveis. Rothbard, expoente da corrente anarcocapitalista, sentenciou que os filhos são propriedade dos pais e que por essa razão poderiam ser por eles comercializados. Diversos pensadores anarcocapitalistas defendem a ideia de um judiciário e de uma polícia privados, ou seja, de que um particular exerça de forma legítima violência sobre outros corpos.

É certo que a democracia deve admitir no seu interior formas extremistas de pensamento. Tanto a extrema-direita quanto a extrema-esquerda podem organizar partidos e manifestar livremente seu pensamento e suas ideias, pois caso contrário cederá a uma espécie de ditadura de centro. No entanto, esse não é o caso do nazismo, que deve, sim, ser excluído da democracia, não por ser um pensamento extremista, mas por ter por pressuposto o cometimento de um crime de lesa-humanidade, a mesma razão pela qual deve ser excluído da democracia qualquer partido que defenda práticas pedófilas.

Não se trata de limitar o direito à livre expressão, mas de fazer valer o pressuposto de que o direito de liberdade implica sempre a observância do direito do outro. Dessa forma, o direito de livre expressão do nazismo não pode ser exercido para pregar a extinção de uma etnia, assim como não se pode reivindicar o direito de liberdade de expressão para estimular a supressão da vida de quem quer que seja. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

O xadrez de Putin

O PRESIDENTE RUSSO EXPLORA AS DEBILIDADES DO OCIDENTE. O DESFECHO CONTINUA IMPREVISÍVEL

por SERGIO LIRIO

O CERCO RUSSO

Posição das tropas na fronteira com a Ucrânia

Unidades enviadas recentemente

Tropas em exercício na Bielorrússia

Unidades permanentes

TROPAS 6.000 4.000 1.000

BIELORRÚSSIA

RÚSSIA

Kyiv

Kharkiv

UCRÂNIA

Lugansk

Donetsk

MOLDÁVIA

Crimeia*

*A Rússia anexou a Crimeia em 2014
Alguns locais na Bielorrússia são aproximados
Fonte: Rochan Consulting, Maxar/BBC

Pavlo Sadhoka acredita ou ao menos deseja do fundo do coração acreditar nas boas notícias da terça-feira 15. Sem olhar uma única vez para a tela de tevê que suga a atenção dos funcionários e frequentadores do café – àquela altura o Manchester City encaminhava a goleada de 5 a 0 no Sporting –, ele interrompe a observação de que Vladimir Putin é inconfiável, serve a xícara lentamente e prossegue: "Foi um alívio. Acho que o fato de todos, a Europa, os Estados Unidos, a Otan, terem se unido contra a Rússia deu resultado". Presidente da associação de migrantes ucranianos em Portugal, pequena comunidade de 50 mil compatriotas de um total de quase 2 milhões espalhados pelo resto do continente, Sadhoka atravessou o dia na expectativa de uma invasão iminente da sua terra natal. Pensava nas dezenas de pedidos de socorro de anônimos enviados diariamente à associação, mas também nos pais, que ainda vivem na Ucrânia. "Tracei um plano de fuga. Minha ideia era buscá-los na fronteira com a Polônia. A família da minha mulher, portuguesa, se ofereceu para abrigá-los." E agora? "Vamos esperar mais um pouco."

A mudança de humor deve-se ao anúncio da retirada de parte das tropas russas da fronteira com a Ucrânia, embora o Kremlin não tenha especificado e o Ocidente não tenha sido capaz de estimar a relevância do movimento. O recuo, recebido com "otimismo cauteloso" pelo secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, manteve, no entanto, a esperança de uma solução diplomática para o impasse. Nem os ataques *hackers* a bancos ucranianos na mesma terça tiveram o poder de azedar o clima de boa vontade que imperava nos salões da diplomacia internacional. O anticlímax, neste caso, agradou à audiência. Isso não significa que o drama tenha terminado. Nas últimas três semanas, as forças armadas de Putin empreenderam uma marcha impressionante pelas estepes e tundras. Soldados, tanques, blindados e aviões cruzaram milhares de quilômetros, alguns deslocados da extremidade leste do país, até as fronteiras ucranianas. Segundo os especialistas, entre 100 mil e 130 mil militares do antigo "Exército Vermelho", equivalente a 60% das forças terrestres, estacionaram nas portas do país vizinho, cuja relação de amor e ódio com Moscou atravessa os séculos e se intensificou a partir de 2014. Quantos voltaram ou voltarão para casa nos próximos dias? Só Moscou pode dizer.

Putin tem tempo. Biden, problemas internos mais imediatos

SAUL LOEB/AFP, KREMLIN/RÚSSIA E MINISTÉRIO DA DEFESA/RÚSSIA

Não está claro se Putin pretende ou pretendia de fato começar uma guerra com a Ucrânia. E se o Ocidente terá capacidade de dissuadi-lo por meio de sanções econômicas ou envio de armamentos a Kiev. O risco de um confronto de grandes proporções às portas da Europa levou a mídia ocidental, talvez com certo exagero, a descrever o impasse como o mais grave desde a crise dos mísseis de 1962, no auge da Guerra Fria. Os serviços de inteligência dos Estados Unidos fizeram circular a versão de que a invasão da Ucrânia tinha até data marcada, quarta-feira 16, motivo da agonia e do posterior "alívio" de Sadhoka e seus compatriotas. Diante da "informação", o presidente norte-americano, Joe Biden, ameaçou "reagir sem hesitação" caso as tropas russas cruzassem a fronteira. Amedrontado, na versão de alguns, maquiavélico, segundo outros, Putin preferiu então mover as peças de modo a manter aberto o jogo diplomático sem produzir uma mudança substancial no tabuleiro. Os russos negam de coturnos juntos o intuito de iniciar uma guerra e justificam a longa marcha das tropas ora como parte de exercícios conjuntos com a aliada

Macron (*alto*) e Scholz parecem peças decorativas na mesa interminável. No outro canto, o presidente russo pode fazer de conta que mal escuta

TheObserver

CINCO PERGUNTAS SOBRE A CRISE

O que motiva o conflito

POR SIMON TISDALL

Por que a Rússia ameaça invadir a Ucrânia? Porta-vozes da Rússia negam diariamente qualquer intenção de invadir o país. O mesmo fez o presidente russo, Vladimir Putin, quando se encontrou com o colega francês, Emmanuel Macron, e quando falou por telefone com o presidente norte-americano, Joe Biden. Há dois problemas nisso. Primeiro, dado o relacionamento retórico de Putin com a verdade, poucos governos ocidentais acreditam nas negativas. Segundo, Putin não explicou por que, se suas intenções são pacíficas, mais da metade das forças armadas russas, incluídos 130 mil soldados, está aglomerada nas fronteiras da Ucrânia. Pode ser um blefe, mas quem apostaria nisso?

Então, o que move Putin? Há diversas teorias. Putin almejaria reconstruir uma esfera de influência russa no Leste da Europa, principalmente envolvendo ex-repúblicas soviéticas como as hoje independentes Estônia, Letônia, Lituânia, Bielorrússia, Geórgia e Ucrânia. Ele lamentou com frequência sua "perda" depois do desmoronamento da União Soviética. Putin também pode querer demonstrar para o Ocidente (e os russos) que o país ainda é uma superpotência, mesmo que pela maioria das medidas (fora estoques de armas nucleares e geografia) seja uma potência média fraquejante.

Por que a Ucrânia? Putin teme que a Ucrânia, com sua importância estratégica, ocupando o flanco sudoeste da Rússia, esteja se assimilando ao Ocidente. Ele é contra sua crescente aproximação com a aliança militar

A crise dos mísseis de 1962 durou 13 dias. No fim, Kruschev e Kennedy, à falta de celulares, criaram uma linha direta de comunicação entre Washington e Moscou

ARQUIVO NACIONAL/EUA, KREMLIN/ RÚSSIA E NIKISHOV/SPUTNIK/AFP

Bielorrússia, ora como um movimento de prevenção contra possíveis agressões da Ucrânia. De forma enigmática e com um estilo panfletário que lembra os camaradas redatores do lado de lá do Muro de Berlim, Maria Zakharova, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores russo, ironizou a “histeria” do Ocidente em uma sucinta mensagem no Facebook: “15 de fevereiro de 2002 ficará na história como o dia do fracasso da guerra de propaganda ocidental. Envergonhado e destruído sem disparar um tiro”.

Zakharova não chega, porém, aos pés dos sequazes de Jair Bolsonaro, como se lerá na reportagem de André Barrocal à página 18. Segundo a rapaziada, bastou um gesto do ex-capitão, a distância, a simples decisão de embarcar em voo da FAB rumo a Moscou, para tocar os corações e evitar o pior. Aplausos? Seriam poucos. Os asseclas sugerem um Prêmio Nobel da Paz. Infelizmente, diria Garrincha, seria preciso antes combinar não só com os russos. Incapaz de perceber e reconhecer a grandeza do “estadista” brasileiro, o resto do mundo estava mais preocupado em interpretar as reais intenções do recuo de Putin, caso “recuo” seja o termo apropriado para explicar os acontecimentos da semana.

Moscou intensificou as manobras militares na fronteira, em tese, para marcar seu incômodo com a provável adesão da Ucrânia à Organização do Tratado do Atlântico Norte, a aliança militar ocidental criada ao fim da Segunda Guerra Mundial. Apesar de controversa entre os associados, a expansão da Otan para o Leste europeu tem sido ininterrupta desde a queda do Muro do Berlim. A

O AVANÇO DA OTAN RUMO AO LESTE EUROPEU É PAULATINO, MAS NÃO UNÂNIME ENTRE OS ASSOCIADOS

ocidental, a Otan. Ele também se opõe ao desenvolvimento de laços entre Kiev e a União Europeia. Pior ainda, do ponto de vista de Putin, a Ucrânia é uma democracia, com livre expressão e mídia livre, e elege livremente seus líderes. Na prática, os russos não desfrutam dessas liberdades – se eles seguissem o exemplo da Ucrânia, Putin não duraria muito. De modo mais geral, Putin é um revisionista saudoso que vê a Ucrânia como parte integral da Rússia histórica, e sua perda é um símbolo da derrota russa na Guerra Fria.

Por que agora?
Putin pode sentir fraqueza no Ocidente. A Otan foi humilhada no ano passado no Afeganistão e Joe Biden, que fez campanha pelo fim das guerras e o não envolvimento em novas, redirecionou o enfoque da política externa e dos recursos militares para a China, e não Europa. Também se acredita que Putin precise de uma grande vitória para reforçar seu apoio interno, validar suas políticas antiocidentais, desculpar a corrupção galopante e a cleptomania do regime e justificar as dificuldades que os russos suportam em consequência das sanções ocidentais impostas depois de seu primeiro ataque à Ucrânia, em 2014. Foi quando ele anexou a Crimeia e assumiu de fato o controle da região de Donbas, no leste.

Quais são as exigências de Putin?
Para (talvez) acabar com o impasse, Putin quer que a Otan prometa não aceitar a Ucrânia (ou a Geórgia ou a Moldávia) como integrantes. Ele quer que a aliança se retire de países na “linha de frente”, como Polônia, Romênia e Bulgária, ex-membros do finado Pacto de Varsóvia. Ele quer que Kiev aceite a situação de autonomia para a região de Donbas e retire suas reivindicações sobre a Crimeia (como parte dos chamados acordos de Minsk). Ele quer limitar ou conter as mobilizações no Leste e no Sul da Europa de novos mísseis de médio alcance dos Estados Unidos. Ainda mais ambicioso, ele quer redesenhar a “arquitetura de segurança” europeia, restabelecer a influência russa e ampliar seu alcance geopolítico. Os EUA rejeitam a maior parte disso. Daí a crise atual.

incorporação da Polônia, Lituânia, Estônia e Bulgária, entre outros, empurrou a aliança para os limites da Federação Russa. Diplomatas ocidentais costumam, inclusive, esgrimir esse argumento para pôr em dúvida as razões aventadas por Moscou: se outros países na fronteira integram a Otan, qual seria o problema da adesão da Ucrânia, que, ao contrário dos demais, não foi convidada, mas se ofereceu para participar da aliança?

Os russos, provavelmente, responderiam com questões históricas, geográficas, conjunturais e de segurança. A Ucrânia, para começar, se tornaria o país com a maior extensão de fronteira com a Rússia a integrar a Otan. Para expressar o incômodo, Moscou relembra o episódio da crise dos mísseis nos anos 60 do século passado. Três anos depois da revolução, a Cuba de Fidel Castro aceitou abrigar ogivas soviéticas a uma distância de 140 quilômetros da Flórida – em resposta à instalação de armas nucleares dos EUA na Turquia. Enquanto os navios da URSS singravam os oceanos em direção a Havana, Washington ameaçava invadir a ilha caribenha e desencadear um conflito atômico. Durante 13 dias, a espécie humana sentiu na pele o risco de desaparecer da face da Terra, sem tempo de perdoar e ser perdoada, até que um acordo entre as potências desanuviou o horizonte e, na falta de aparelhos celulares, desaguou na instalação de uma linha de comunicação direta entre os gabinetes de John Kennedy, em Washington, e Nikita Kruchev, em Moscou.

Os tempos são outros, Putin sabe bem e explora as circunstâncias na medida do possível. Na avaliação do Kremlin, o Ocidente está enfraquecido. Biden pode até falar grosso, mas os assuntos internos – inflação em alta, popularidade em queda e recusa de parte da população a se vacinar – desaconselham qualquer investida no *front* externo, principalmente em um conflito que afeta de forma circunstancial o país e diz pouco, ou nada, aos eleitores. A União Europeia tem um calcanhar de aquiles evidente: cerca de 40% do gás consumido no continente é distribuído pela Rússia, dependência que tende a aumentar se o conflito na Ucrânia não atrasar a inauguração do gasoduto Nord Stream 2, que ligará o país à Alemanha. A Otan, embora tenha a liberdade de enviar armas, está impedida de intervir diretamente por uma questão legal: a Ucrânia deseja, mas ainda não integra a aliança. As amarras dos negociadores ocidentais ficaram estampadas nas fotos do presidente francês, Emmanuel Macron, e do chanceler alemão, Olaf Scholz, miniaturas na interminável e imponente mesa, a uma distância "segura" de Putin, conforme as regras de isolamento social estabelecidas pelo protocolo russo em tempos de pandemia. Se a mesa traduz a distância entre as posições em jogo, os diplomatas têm um monumental trabalho pela frente.

Esforços diplomáticos à parte, o aparente tema central do conflito continua insolúvel. Washington e Bruxelas entendem que não cabe a Moscou interferir em decisões soberanas de outra nação. A Ucrânia mantém o desejo de aderir à Otan, apesar do deslize do embaixador em Londres, que admitiu a possibilidade de desistência e em seguida voltou atrás. "Sim, não desistimos. É uma garantia à nossa segurança", afirmou o presidente

Os ucranianos prometem defender o país a todo custo. O migrante Sadhoka diz que Putin visa enfraquecer a Ucrânia para "comprá-la a preço baixo"

MOSCOU DESESTABILIZA A UCRÂNIA, A ÚNICA A SOFRER OS EFEITOS ECONÔMICOS DO IMPASSE NA DIPLOMACIA

The Observer

GUERRA? QUE GUERRA?

Em Kiev, a população toca a vida

POR SHAUN WALKER, EM KIEV

Enquanto chegava a notícia da última avaliação sombria da Casa Branca sobre a Ucrânia, no fim da noite da sexta-feira 11 em Kiev, os bares e restaurantes estavam cheios como em qualquer noite de sexta, o clima continuava alegre e qualquer cidadão sem acesso ao Twitter teria dificuldade para notar alguma sensação de perigo.

Enquanto as autoridades dos Estados Unidos e os jornalistas em Washington informados por elas previam uma campanha "horrível, sangrenta", a ser lançada iminentemente contra a Ucrânia, ninguém, exceto os jornalistas, prestava muita atenção ao que, para muitos em Kiev, parece apenas o último de uma série de informativos apocalípticos.

Enquanto os integrantes de grupos de pensadores em Washington escreviam sobre uma campanha impiedosa a ser lançada no último fim de semana, que privaria a Ucrânia de energia elétrica e aquecimento e derrubaria o alto-comando do Exército, as ruas de Kiev, onde nevava levemente, pareciam uma realidade paralela.

É claro que sob a calma superficial muitos ucranianos fazem planos de contingência, alguns para evitar uma invasão, outros para fugir para lugares mais seguros. É impossível comprar um gerador de eletricidade na cidade, e muitos discutem o que farão se o pior acontecer.

Porões, estações de metrô e até clubes noturnos foram cogitados como possíveis abrigos antibomba, no caso de um ataque aéreo russo.

No sábado 12, milhares de cidadãos se reuniram no centro de Kiev para uma "marcha da unidade", acenando bandeiras ucranianas e faixas que diziam "Vamos resistir" e "Invasores têm de morrer". Mas a multidão de vários milhares era pequena pelos padrões de uma cidade acostumada a protestos gigantescos, e reflete um cansaço da constante e perturbadora ameaça de guerra.

"Putin está cometendo um erro enorme, se acha que conseguirá destruir a Ucrânia", disse Andriy Tyshko, que marchava com sua filha bebê. Iryna Kuprienko, que passeava perto do protesto, disse que não entendia a agitação. "Sabemos que Putin é capaz de fazer coisas terríveis, mas com certeza não é louco o bastante para bombardear Kiev."

Enquanto mais embaixadas anunciavam a evacuação da maior parte do pessoal diplomático e diziam a seus cidadãos que deviam partir imediatamente ou se preparar para ficar emperrados, a tensão crescente fica mais difícil de ignorar. Os cidadãos norte-americanos em Kiev receberam ligações na sexta à noite de funcionários consulares preocupados, dizendo-lhes para fazer planos para deixar a cidade o mais cedo possível;

Mas, para muitos habitantes, a ideia de uma invasão completa continua distante e implausível. Muitos ucranianos, incluído o presidente, dizem que estão cientes do risco que a Rússia representa, mas não acreditam na insistência norte-americana sobre a ameaça iminente. "Estou começando a ficar muito chateado com isso", disse um ex-deputado ucraniano, que pediu para não ser identificado. "Sou muito pró-Ocidente, mas o modo como chega essa notícia da invasão me lembra (*os rumores não verificados*) de canais russos no Telegram, sobre fontes não identificadas e informação de bastidores. A histeria da mídia é extremamente perturbadora, e você começa a perder a confiança no governo, que está apenas dizendo para mantermos a calma."

Em Kiev, a população toca a vida e tenta esquecer a ameaça que ronda as fronteiras

ALI ATMACA/ANADOLU/AFP, ARQUIVO PESSOAL, SERGEI SUPINSKY/AFP E NURPHOTO/AFP

Volodymyr Zelenski, depois de uma reunião com Scholz em Kiev. Zelenski, comediante eleito na onda de aversão à política tradicional, só não diz por quanto tempo o país resiste ao impasse nas negociações. Na situação atual, a Ucrânia é o único lado prejudicado. A ameaça de guerra em seu território afeta a economia. O governo lançou um pacote para estimular as companhias aéreas a manter as linhas, enquanto os EUA e as nações europeias recomendam às respectivas populações que evitem viajar ao país.

Putin, ao contrário, tem todo o tempo do mundo se quiser evitar a guerra e encontrar ou aceitar uma saída honrosa coletiva. Sem a expressa recusa da Otan em admitir a Ucrânia, o que mais poderia ser levado àquela interminável mesa do Kremlin? Haveria a possibilidade de revisão de pontos do Acordo de Minsk, firmado em setembro de 2014 sob o pretexto de colocar um fim aos confrontos na região de Donbas, a leste da Ucrânia? O tratado nasceu torto e natimorto. O objetivo era encerrar um ano turbulento, iniciado pela anexação da Crimeia pela Rússia, em fevereiro, seguida de uma resposta popular, o desfecho da Revolução Maidan, que destituiu Viktor Yakunovich, presidente pró-Moscou, e levou ao poder uma geração ucraniana inclinada a abraçar a União Europeia. Para o Kremlin, a revolução foi arquitetada pelos norte-americanos. Para os ucranianos, os russos, insatisfeitos com a perda de influência, estimularam o separatismo em Donbas, onde brotaram duas áreas autônomas, as autodenominadas República Popular de Donetsk e República Popular de Lugansk. O acordo de Minsk impede, entre outras determinações, o reconhecimento pela Rússia da independência das duas repúblicas. O Kremlin reafirma o compromisso de obedecer às regras, mas, na terça-feira 15, a Duma, o Parlamento russo, aprovou uma moção a favor da autonomia das repúblicas.

NA NOVA GUERRA FRIA, O OCIDENTE E OS EUA ESTÃO EM CLARA DESVANTAGEM

Ao longo de oito anos, os separatistas pró-Rússia e os nacionalistas ucranianos ignoraram os seguidos armistícios e fizeram de Donbas um pequeno experimento de guerra. Confrontos paramilitares provocaram ao menos 14 mil mortes, além de migrações forçadas e destruição. Justamente nos limites de Donbas e da Ucrânia "europeia" a tensão floresce em toda a sua magnitude. Do lado ucraniano, crianças e velhos, principalmente senhoras, apelidadas de "Esquadrão das Babushkas", recebem armas e são treinados por nacionalistas do Azov, movimento ultradireitista que abriga neonazistas e supremacistas brancos. "Não concordo com a ideologia deles, me interessa defender a pátria", afirmou ao canal de tevê *Al Jazeera* Valentyna Konstantinovska, de 79 anos, antes de disparar o rifle. "Amo minha cidade, não vou embora. Putin não pode nos assustar. Sim, é aterrorizante, mas vamos defender a nossa Ucrânia até o fim." A mídia e a diplomacia russas exploram a influência do Azov nas organizações paramilitares e a tentativa do movimento de conquistar poder político no país. "Moscou classifica qualquer ucraniano crítico como fascista ou nazi", diz Sadhoka. "É um subterfúgio. A vida melhorou na Ucrânia após a revolução, houve crescimento econômico, mais oportunidades de trabalho, de lazer. Putin teme que o progresso ucraniano influencie outros países sob seu domínio a se rebelarem." Em resposta às provocações russas, os ucranianos chamam Putin de terrorista. "Ele provoca terror", justifica Sadhoka. "O Ocidente precisa entender que, enquanto ele estiver no poder, estaremos ameaçados."

Jinping lidera uma mudança profunda

DEPARTAMENTO DE ESTADOS/EUA

Em certa medida, as tropas russas estacionadas na fronteira com a Ucrânia parecem delinear uma nova e imaginária Cortina de Ferro. Longe de repetir a batalha capitalismo *versus* comunismo do pós-Guerra, a divisão representa uma disputa muito mais profunda e, sobretudo, desvantajosa ao Ocidente e ao Império norte-americano, como ressalta Luiz Gonzaga Belluzzo à página 17. Enquanto os analistas passavam o dia a contar o número de soldados e tanques russos a ziguezaguear pelo território, Putin e Xi Jinping divulgavam uma declaração conjunta que, na análise do ex-chanceler Celso Amorim, em artigo publicado na edição passada, "expressa, com uma clareza nunca antes alcançada, o fim da era da hegemonia quase absoluta dos Estados Unidos sobre os destinos do mundo". Uma nova "Guerra Fria" se desenha e Putin tenta se firmar como um general da linha de frente. O desfecho da crise na Ucrânia vai definir a velocidade e a trajetória do pêndulo. •

LUIZ GONZAGA BELLUZZO

Além de Rússia *versus* EUA

▶ O paradoxo contemporâneo inclui a guerra comercial entre o protecionismo estadunidense e o livre-comércio chinês

Terça-feira, 15 de fevereiro de 2022, as manchetes informam um arrefecimento nas tensões entre os Estados Unidos e a Rússia. Os americanos ameaçam a turma do Putin com sanções duras, caso os exercícios das forças russas na fronteira se transformem em uma invasão da Ucrânia.

Para fugir à imediatidade jornalística, a crise russo-americana reclama uma incursão nos subterrâneos onde se movem os conflitos geopolíticos e geoeconômicos do capitalismo global. É demasiada ousadia, sobretudo para um economista, enveredar por esses caminhos, mas não custa arriscar.

A década de 1970 foi o momento da aproximação China-EUA, promovida por Nixon e Kissinger. A inclusão da China no âmbito dos interesses americanos seria o ponto de partida para a ampliação das fronteiras do capitalismo, movimento que iria culminar no colapso da União Soviética e no fortalecimento do poder americano.

Na aurora dos anos 90, o colapso da União Soviética incutiu no pensamento dominante a convicção de que, com o fim do mundo bipolar, o espaço político e econômico tornou-se mais homogêneo, menos conflitivo, havendo concordância a respeito das tendências evolutivas da economia e das sociedades.

Os catecismos da moda rezavam a tese do Fim da História. Em seu núcleo duro, essas visões afirmavam que as questões essenciais relativas às formas de convivência e ao regime de produção à escala mundial estavam resolvidas. A democracia liberal e a economia de mercado seriam as derradeiras conquistas da humanidade. Sendo assim, não haveria mais razão, dizem, para se colocarem em discussão questões anacrônicas e muito menos para se duvidar do caráter harmônico, cooperativo e pacífico da nova ordem mundial.

O desaparecimento do socialismo e o fim da Guerra Fria criaram as condições para uma reafirmação do poder econômico, político e militar dos Estados Unidos. Esse fenômeno era apresentado como sendo o resultado natural e benéfico de uma convergência ideológica, política e econômica, na direção da democracia e da economia de mercado.

No desenvolvimento dos encontros e desencontros diplomáticos impulsionados pela tensão Estados Unidos *vs.* Rússia, poucos analistas, além do ex-chanceler Celso Amorim, mencionaram o Joint Statement promulgado na abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno com as assinaturas de Putin e Xi Jinping.

Em uma clara rejeição da hegemonia do Ocidente liderada pelos EUA nas relações internacionais, a declaração Putin-Xi Jinping afirma que um conjunto minoritário de forças continua teimosamente a promover o unilateralismo, a adotar a política de poder e a interferir nos assuntos internos de outros países. O comunicado salienta que tais atos não serão aceitos pela comunidade internacional.

Não seria impróprio afirmar que o poder americano se debilitou no exercício de suas forças. Mais uma vez, no movimento de suas estruturas, o capitalismo iludiu as conjecturas e os projetos dos homens. O exercício do poder americano desencadeou transformações financeiras, tecnológicas, e geopolíticas que culminaram no enfraquecimento de sua hegemonia.

A partir dos anos 1980, a liberalização das contas de capital, a desregulamentação financeira e comercial, revigorou a vocação universalista das empresas americanas, europeias e japonesas. No afã competitivo de reduzir os custos salariais e escapar do dólar valorizado, a produção manufatureira americana abandonou seu território para buscar as regiões em que prevaleciam baixos salários, câmbio desvalorizado e perspectivas de crescimento acelerado.

Isso promoveu a "arbitragem" com os custos salariais à escala mundial, estimulou a flexibilização das relações de trabalho nos países desenvolvidos e subordinou a renda das famílias ao aumento das horas trabalhadas. O desemprego aberto e disfarçado, a precarização e a concentração de renda cresceram no mundo abastado.

No outro lado do mesmo processo, as lideranças chinesas valeram-se da "abertura" da economia ao investimento estrangeiro ávido em aproveitar a oferta abundante de mão de obra. Apostaram na combinação favorável entre câmbio real competitivo, juros baixos para estimular estratégias nacionais de investimento em infraestrutura, absorção de tecnologia com excepcionais ganhos de escala e de escopo, adensamento das cadeias industriais e crescimento das exportações.

As manchetes proclamam o paradoxo contemporâneo: há riscos de guerra comercial entre o protecionismo dos Estados Unidos e a China do livre-comércio. Às ameaças americanas de protecionismo, os chineses responderam com a defesa do multilateralismo do livre-comércio. Os *yankees* gritam: há anos eles, os chineses, roubam os nossos empregos! •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

Por vias tortas

ENTRE FICÇÕES E CONTRADIÇÕES, O BRASIL GANHA COM A VISITA DE BOLSONARO A PUTIN NO MEIO DA CONFUSÃO

por ANDRÉ BARROCAL

Petrópolis, palco de um dilúvio na terça-feira 15 com mais de cem vítimas, foi fundada em 1843 por D. Pedro II, primeiro chefe de Estado brasileiro a visitar a Rússia. O monarca escrevera umas cartas a figurões russos ao longo do reinado. Em 2017, o presidente de lá, Vladimir Putin, deu cinco delas a Michel Temer, durante uma visita do dito "pacificador", compradas em um leilão em Nova York. Agora elas estão no Museu Imperial de Petrópolis. "Meus pêsames", disse Putin na quarta-feira 16 sobre a tragédia na cidade, ao lado de Jair Bolsonaro.

Antes de entrar no Kremlin naquele dia, o ex-capitão batera continência, oh, ironia!, a um memorial ao Soldado Desconhecido, um pracinha comunista, pois das tropas soviéticas de Joseph Stalin em luta com os nazistas na Segunda Guerra Mundial. "Soldado é simplesmente soldado", justificar-se-ia o visitante. Ter evitado uma nova guerra foi uma das ficções lançadas na *web* pela máquina bolsonarista de mentiras, a propósito da coincidência entre a redução da presença militar russa na fronteira com a Ucrânia e a chegada de Bolsonaro em Moscou.

O ex-capitão ficou confinado em um hotel até se reunir com Putin, uma exigência local, em razão da Covid-19. Se aqui Bolsonaro zomba de máscaras e vacinas ("salva" vidas no exterior, no Brasil manda as pessoas ao matadouro), lá seguiu o protocolo sanitário e submeteu-se a testes de PCR. Tudo para sentar-se perto de Putin, diferentemente da distância vista entre o russo e os líderes de Alemanha, Olaf Scholz, e França, Emannuel Macron, que haviam ido ao Kremlin separadamente dias antes e rejeitado as exigências.

CELSO AMORIM: "A VIAGEM CERTA, NO MOMENTO CERTO, COM A PESSOA ERRADA"

Bolsonaro não cedeu aos apelos de Blinken e do governo Biden. Após seguir os protocolos sanitários que se recusa a cumprir no Brasil, o ex-capitão apertou a mão de Putin

"Somos solidários à Rússia", disse Bolsonaro a Putin. Foi uma tomada de posição contra a Ucrânia, com quem o Brasil acaba de completar 30 anos de relações diplomáticas? Pareceu mais solidariedade contra os Estados Unidos de Joe Biden e a Europa ocidental, antagonistas do líder russo como o são de Bolsonaro. "A leitura que eu tenho do presidente Putin é que ele é uma pessoa também que busca a paz", comentou o brasileiro, na volta do Kremlin ao hotel.

Enquanto estavam juntos, Putin ressaltou que o Brasil é o principal parceiro comercial da Rússia na América Latina. O fluxo comercial bilateral é, porém, pequeno: 7,3 bilhões de dólares em 2021. Daqui para lá (0,5% das nossas exportações), vão soja e carne, principalmente. De lá para cá (2,5% das nossas importações), vem sobretudo adubo. O russo citou ainda a parceria nos BRICS (bloco também formado por China, Índia e África do Sul), oportunidade de negócios em energia nuclear e busca comum por uma ordem internacional multipolar. Tradição na diplomacia brasileira, a visão multipolar, não centrada nos EUA, explica por que Fernando Henrique Cardoso, Lula, Dilma Rousseff e Temer estiveram com Putin quando no poder.

"O Bolsonaro fez por vias tortas a coisa certa. O Brasil ganha com essa viagem", afirma Giorgio Romano Schutte, mestre em Relações Internacionais e integrante do Observatório da Política Externa e da Inserção Internacional do Brasil. Ganha em questões de longo prazo, como no debate sobre a reforma do Conselho de Segurança da ONU, por exemplo, como se verá. "Há um outro mundo sendo construído, multipolar, e o Brasil faz parte desse mundo. A importância para Putin é o Brasil, não o Bolsonaro. É isso que as viúvas do tucanato não entendem. O Lula também teria ido lá agora, só que muito mais preparado e com uma agenda: G-20, BRICS..."

Ao *Globo*, Celso Amorim, ex-chanceler de Lula, disse ser "a viagem certa, no momento certo, com a pessoa errada, mas é a pessoa que tem né?" Curiosidade: o embaixador brasileiro em Moscou é Rodrigo Baena Soares, um dos porta-vozes de Lula

FREDDIE EVERETT/DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA E ALAN SANTOS/PR

no primeiro mandato, assessor especial no segundo e porta-voz de Dilma Rousseff por dois anos. Para outro diplomata ex-colaborador do PT, o ganho para o Brasil agora foi uma "consequência involuntária", pois nossa política externa não tem rumo. A viagem à Rússia, prossegue, responde à necessidade eleitoral de Bolsonaro mostrar que não é isolado no mundo.

O ex-capitão embalou essa necessidade em uma capa ideológica. Em janeiro, definira Putin como "conservador". Ao lado do russo, declarou: "Compartilhamos de valores comuns, como a crença em Deus e a defesa da família". O governo Putin tem, de fato, traços obscurantistas. Há restrições ao debate de homossexualidade e de gênero, reflexos de uma aliança com a Igreja Ortodoxa, segundo Schutte. Curto-circuito à vista na cabeça dos bolsonaristas. Putin é grande aliado, inclusive com venda de material bélico, da Venezuela, cujo governo de Nicolás Maduro o ex-capitão não reconhece. A propósito, Bolsonaro saiu de Moscou e foi à Hungria encontrar na quinta-feira 17 o primeiro-ministro Viktor Orbán, de extrema-direita, que em abril enfrentará uma dura reeleição.

Para Fernando Haddad, do PT, a ida de Bolsonaro à Rússia teve "um único propósito: conhecer as últimas novidades no campo da disseminação de *fake news*". A presença na comitiva de um dos filhos do ex-capitão, Carlos, o miliciano digital-chefe, dá corda à hipótese. O comentário de Haddad parece ter sido também uma alusão a um rival do WhatsApp, o Telegram. Este é invenção de dois irmãos russos, Nicolai e Pavel Durov. Sua sede é em Dubai. Em dezembro, o presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Luís Roberto Barroso, tinha mandado um ofício a Dubai a pedir uma reunião e a indicação de um representante da empresa. A firma não tem ninguém aqui, nem escritório.

O que dirão os bolsonaristas? A Rússia, neoalida de Brasília, dá suporte ao governo de Maduro, na Venezuela, aquele que o Brasil sonha em derrubar

Bolsonaro acha "covardia" a posição do TSE sobre o Telegram e fez propaganda do aplicativo logo após visitar o Kremlin. Barroso cogita banir a empresa do País (53% dos *smartphones* locais o têm), ante a impossibilidade de incluí-la em um acordo antimentiras recém-selado pela Corte com Facebook, YouTube e cia. Edson Fachin, que assume o lugar de Barroso no dia 22, disse ao *Estadão*, com o ex-capitão em Moscou, que a Corte talvez já esteja sob ataque de *hackers* russos. Será? É do interesse de Putin bagunçar a eleição daqui? O favorito para ganhá-la é Lula, que no poder dava-se bem com a Rússia. "Não sei o que o Bolsonaro foi fazer lá", disse o ex-presidente a uma rádio curitibana na véspera da reunião do presidente com Putin. "Acho que o Bolsonaro acendeu muita vela a Deus para ir, porque ele estava esperando que alguém convidasse."

O convite era de novembro. Nos dias 29 e 30 daquele mês, o ministro das Relações Exteriores, Carlos França, estivera em Moscou com seu homólogo, Sergey Lavrov, e o assessor especial de Putin para assuntos internacionais, Yuri Ushakov. Duas semanas antes, Lula havia sido recebido no Parlamento Europeu e por Macron, Scholz e o primeiro-ministro da Espanha, Pedro Sánchez. Na mesma semana, Bolsonaro fora às Arábias e ficara enciumado com o protagonismo do petista na Europa. "O convite (russo) está aceito", afirmou em 2 de dezembro.

O encontro com Putin foi o desfecho de uma, digamos, dança acasaladora iniciada em fins de 2020, como prenunciado por *CartaCapital* na reportagem "A nova paixão", de dezembro daquele ano. Em 3 de novembro de 2020, os norte-americanos elegeram Biden. Este havia sido peça antirrussa na crise da Ucrânia em 2014, como vice de Barack Obama. Sua vitória indicava que Moscou voltaria a ser inimiga da Casa Branca, o que não ocorrera com Donald Trump. Duas semanas após o pleito, Putin jogara uma isca para Bolsonaro, que sem Trump e com Biden seria um pária global. Em uma reunião dos BRICS via *web* duas semanas após a eleição nos EUA, Putin elogiou "as melhores qualidades masculinas" de Bolsonaro. "Gostou do presidente da Rússia, ontem?", regozijara-se o machão perante apoiadores.

PUTIN É, NO MOMENTO, O LÍDER QUE IMPEDE O ABSOLUTO ISOLAMENTO DO BRASIL

Em maio de 2021, Putin fez outro gesto. Indultara um brasileiro preso na Rússia em 2019, Robson Nascimento de Oliveira, acusado de tráfico de drogas (uns remédios levados para os patrões, na verdade). Um mês depois, Bolsonaro mandou um vídeo ao Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo, evento patrocinado pelo Kremlin. O fórum, segundo o brasileiro, é "caixa de ressonância da nova paisagem geopolítica e geoeconômica em construção na Eurásia, região de importância decisiva e crescente, no epicentro das grandes transformações do mundo de hoje". E logo haveria a ida de Lula à Europa e a de Carlos França a Moscou para encontrar Lavrov.

Os dois diplomatas também se reuniram, juntamente com os ministros da Defesa de ambos os países, na quarta-feira 16, para análises sobre geopolítica e cooperação científico-militar. Lavrov defendeu em seguida, em público, a entrada brasileira no Conselho de Segurança da ONU como membro permanente, reivindicação dos tempos de Lula. "Confirmamos hoje que a Rússia reafirma seu apoio à candidatura do Brasil", declarou. "Tenho de admitir que nunca ouvi com tanta clareza (o apoio russo) quanto desta vez. É um avanço", disse Celso Amorim a *CartaCapital*. O comunicado do Itamaraty após a reunião de Bolsonaro e Putin aborda o tema. Agradece o "reiterado apoio russo ao Brasil como forte candidato, merecedor de um assento permanente" no Conselho.

Tio Sam, um dos integrantes do clube VIP, tentou evitar o tête-à-tête de Bolsonaro e Putin. Antony Blinken, secretário de Estado norte-americano, telefonou duas vezes para Carlos França, em janeiro. Após a primeira ligação, a chancelaria ianque divulgou uma nota exagerada sobre a conversa. Dizia que tinha sido "sobre prioridades compartilhadas, incluindo a necessidade de uma resposta forte e unida a novas agressões russas contra a Ucrânia". O Itamaraty assinalou coisa distinta: "Abordaram a situação na Ucrânia e a necessidade de encontrar uma solução conforme o direito internacional".

Ao chegar do Kremlin ao hotel, Bolsonaro comentou com jornalistas que "alguns países gostariam que o evento se realizasse, alguns achavam que o pior podia acontecer com a nossa presença aqui". Uma referência aos EUA, embora sem nomes. Ele teria desistido da viagem, caso recebesse uma ligação ou um convite de Biden para ir a Washington, conforme recente reportagem do *New York Times*. Informação atribuída pelo jornal a "dois altos funcionários dos EUA".

Ah, se o pedido para desistir da viagem tivesse partido do ídolo Trump… •

ANTONIO AUGUSTO/TSE E MARCELO FURIÓ GARCÍA/PRESIDÊNCIA DA VENEZUELA

Barroso ameaça proibir o aplicativo russo Telegram

Floresta sitiada

VIOLÊNCIA Organizações criminosas como o PCC e o Comando Vermelho ampliam o leque de atividades ilícitas na Amazônia

POR ANA FLÁVIA GUSSEN

Em abril de 2003, a Polícia Federal apreendeu no município de Comodoro, em Mato Grosso, 18,9 quilos de cocaína escondidos no compartimento de gasolina de um caminhão Mercedes-Benz branco, com placas de Joinville, Santa Catarina. Em depoimento, o motorista do veículo disse que a droga pertencia a Alcides Guizoni, conhecido como Durepox, que o teria contratado para levar o produto de Rondônia à cidade catarinense. Durepox acabou condenado por tráfico de entorpecentes a seis anos de reclusão em regime fechado, mas permaneceu fora do radar da Justiça por dez anos. Investigado pelos mesmos crimes no Paraná e em Rondônia, nos anos seguintes ele mudou de ramo. Abriu um frigorífico, depois um supermercado, mas as empresas não prosperaram. Foi daí que, segundo uma investigação da Superintendência da PF no Amazonas, ele migrou para outro negócio, menos perigoso e muito mais lucrativo: a extração ilegal de madeira.

Na Floresta Amazônica, Guizoni perdeu a alcunha de Durepox e viu a vida melhorar da água para o vinho. Em apenas quatro anos, o "empresário" movimentou 16,8 milhões de reais com a venda ilegal de mais de 44,6 mil metros cúbicos de madeira, segundo um laudo da PF ao qual *CartaCapital* teve acesso. "As toras de madeira nativa daí extraídas foram "legalizadas" com DOFs (Documentos de Origem Florestal) de outras áreas onde foram aprovados planos de manejo", afirma a PF, para quem a madeira foi "usurpada da União" mediante a grilagem de terras.

O caminho percorrido por Guizoni, não localizado pela reportagem, tem sido o mesmo de muitos narcotraficantes que atuam na Amazônia, sobretudo aqueles associados a duas facções criminosas do Sudeste, o Primeiro Comando da Capital e o Comando Vermelho. Aparentemente, as organizações criminosas decidiram diversificar os negócios. Em vez de apenas administrar as rotas que trazem cocaína da Bolívia e da Colômbia, muitos criminosos passaram a se dedicar também à grilagem de terras, à extração ilegal de madeira, ao garimpo em áreas de proteção e terras indígenas e à lavagem de dinheiro dos novos parceiros no crime.

> **Agora, as facções também investem na grilagem de terras, na exploração de madeira e no garimpo**

"É um negócio rentável e com menos prejuízos legais", explica Alexandre Saraiva, delegado da Polícia Federal responsável pela Operação Handroanthus, que fez a maior apreensão de madeira ilegal da história na Amazônia. "Os criminosos retiram a madeira de graça de uma terra grilada da União ou de um território indígena, usam mão de obra análoga à escravidão e furtam até energia elétrica. Exportar madeira ilegal tornou-se uma atividade de baixíssimo custo, mas o produto é muito valorizado no exterior. Nos EUA, pagam 5 mil reais por metro cúbico de ipê. Uma balsa carrega 3 mil metros cúbicos."

A facilidade de lavar dinheiro do tráfico de armas e entorpecentes com ouro ilegal levou vários traficantes ligados a facções criminosas a atuar em parceria com garimpeiros, um problema crônico dentro da Terra Indígena Yanomâmi em Roraima. Desde 2018, o PCC fortaleceu-se no estado e passou a fazer escolta armada de empresários ligados ao garimpo ilegal, uma vez que as rotas usadas pelo narcotráfico e para o escoamento do ouro costumam ser as mesmas. A principal atividade desses criminosos passou a ser os chamados "crimes de mando", quando são contratados para assassinar ativistas, rivais e fiscais, explica Roney Cruz, chefe da Divisão de Inteligência e Captura do Sistema Prisional de Roraima, o Dicap.

Cruz relatou a *CartaCapital* que os integrantes do PCC tinham um barco no Rio Uraricoera apelidado de "Funerária", usado apenas em missões homicidas. Há, ainda, fortes evidências de que as organizações criminosas estejam investindo em maquinário para exploração de ouro. Ou seja, preparam-se para tomar e operar os garimpos de Roraima diretamente.

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 34
PT *vs.* PSB. A queda de braço entre as legendas pode atrasar o anúncio da chapa Lula-Alckmin

Negócios convergentes. As rotas do narcotráfico são as mesmas utilizadas para o escoamento do ouro e da madeira ilegal. Em vídeo gravado no Rio Uraricoera, integrantes do PCC se vangloriam da vida criminosa. "Quem manda aqui é nóis *(sic)*", diz um deles

IBAMA, PM/RO E REDES SOCIAIS

Tensão. Os Yanomamis tentam defender a sua terra. Um relatório da PF indica que um narcotraficante movimentou 16 milhões de reais após migrar para o mercado da madeira

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJSP - POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO AMAZONAS
SETOR TÉCNICO-CIENTÍFICO

Em virtude da emissão irregular de 41.304,1529 m³ (até 27/07/2020) em DOFs de toras de madeira nativa, o Valor de Uso Direto (VUD) do recurso ambiental extraído (toras de madeira nativa) a partir dos projetos de exploração aprovados em nome de ALCIDES GUIZONI, CPF 162.386.642-15, é de R$ 16.808.311,98 (dezesseis milhões, oitocentos e oito mil, trezentos e onze reais e noventa e oito centavos).

ANDRESSA ANHOLETE/GETTY IMAGES/AFP

"Antes ligados ao narcotráfico, agora eles atuam em todas as frentes, sempre com armamento pesado, como fuzis e escopetas. Hoje, a região do Rio Uraricoera está repleta de foragidos da Justiça. Trata-se de uma área de dificílimo acesso, que com o tempo foi sendo dominada pelo PCC, hoje a organização mais forte no estado", explica o chefe do Dicap.

Hoje, há cerca de 1,6 mil membros de facções dentro e fora do sistema penitenciário de Roraima. Segundo um mapeamento do Dicap, 25 foragidos, todos ligados ao PCC, estão escondidos dentro da Terra Indígena Yanomâmi. Lá, eles atuam em parceria com 20 mil garimpeiros ilegais.

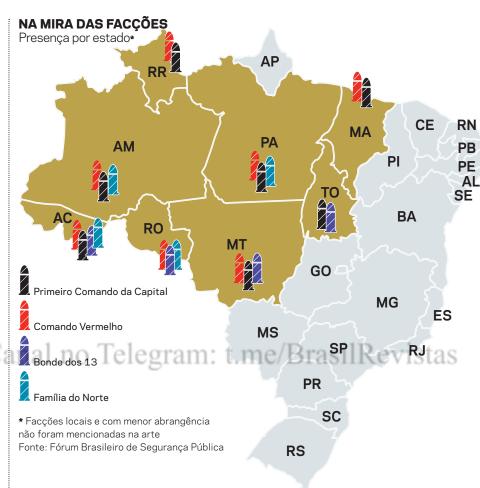
Cruz liderou operações para prender integrantes de facções criminosas na reserva indígena. Em agosto do ano passado, participou da caçada a Janderson Edmilson Cavalcante, ligado ao PCC, e procurado desde 2014 por tráfico de entorpecentes e por participação no roubo de cem fuzis em 2019 de um quartel na Venezuela. Capturado, ele continuava dedicado ao narcotráfico, mas também realizava a escolta armada de garimpeiros. É suspeito ainda de envolvimento em um ataque promovido, em maio do ano passado, contra os Yanomâmis da comunidade de Palimiú. Na ocasião, duas crianças indígenas correram para um rio em fuga dos disparos de arma de fogo, e acabaram morrendo afogadas. Após a prisão de Janderson, a polícia confirmou que ele era um dos protagonistas de um vídeo que circulou nas redes sociais, no qual o seu bando, armado com fuzis e municiado de garrafas de uísque, se vangloriava da vida criminosa a bordo de um barco no Rio Uraricoera. A filmagem ocorreu antes do ataque do dia 10 de maio. "Quem manda aqui é nóis (*sic*)", narrava um deles na gravação.

De acordo com o Ministério da Justiça, uma operação realizada pela PF em dezembro resultou na apreensão de 111 aeronaves, 10 balsas e 11 veículos dentro da terra indígena. Ao todo, foram identificadas

87 pistas de pouso e três portos clandestinos. Trinta e oito suspeitos foram presos.

A Associação Yanomâmi Hutukara tem denunciado ataques em série ao Ministério Público Federal, ao Congresso e ao Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos. Por intermédio da deputada Joenia Wapichana, foi realizada uma audiência com Michelle Bachelet, alta comissária da ONU e ex-presidente do Chile, para tratar das violações contra os Yanomâmis em Roraima. A associação também denuncia a contaminação dos rios da região por mercúrio – metal pesado usado na garimpagem –, com graves impactos ambientais e para a saúde da população indígena. Em 2016, estudo da Fiocruz revelou que 92% dos Yanomâmis no estado estavam contaminados.

Os criminosos contam com a irresponsabilidade dos governos estadual e federal. Em 2020, o governador de Roraima, Antonio Denarium, dispensou a necessidade de licença e estudo de impacto ambiental para atividades de mineração, mesmo quando os garimpeiros fazem uso de mercúrio. Em setembro do ano passado, o Supremo Tribunal Federal invalidou a permissiva legislação. Em novembro, a Fundação Nacional do Índio, vinculada ao Ministério da Justiça e da Segurança Pública, proibiu a Fiocruz de realizar nova pesquisa sobre os impactos do garimpo na saúde dos indígenas. Além da contaminação, os Yanomâmis sofrem com surtos de malária e Covid, além de ostentar taxas epidêmicas de desnutrição infantil. Em ofício ao governo federal e ao MPF, a Hutukara pediu a instalação de um posto avançado na comunidade de Palimiú, com o apoio do Exército para ações dos demais órgãos públicos, visando garantir a segurança local.

A facilidade de lavar dinheiro com ouro e a falta de fiscalização são as principais razões para a migração de organizações criminosas ligadas ao narcotráfico para a atividade do garimpo. Além de ser um bem de grande liquidez, sua entrada no mercado financeiro se dá conforme regras flexíveis. Além disso, a Lei 12.844/2013 abre brechas ao responsabilizar a indicação da origem do ouro ao vendedor, e não ao comprador. A lei permite ainda que não sejam reveladas as áreas de origem. Então, boa parte do ouro extraído ilegalmente acaba "legalizada" no mercado financeiro.

NA MIRA DAS FACÇÕES

Presença por estado*

* Facções locais e com menor abrangência não foram mencionadas na arte
Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Dados do monitor Amazônia Minada apontam que terras indígenas na região são alvo de 2.480 requerimentos para exploração mineral. A Constituição de 1988 proíbe qualquer atividade de garimpo sem autorização do Congresso Nacional e prévia consulta aos povos afetados. O governo de Jair Bolsonaro tem atuado, no entanto, para flexibilizar as regras. Recentemente, o Executivo enviou ao Parlamento, em regime de urgência, projetos de lei autorizando a mineração, a pecuária e o turismo dentro de terras indígenas.

A mudança no perfil dos exploradores ilegais da Amazônia também tem associação direta com a política ambiental de Bolsonaro, que sucateou os órgãos de fiscalização, a exemplo do ICMBio e do Ibama, e flexibilizou regras ambientais por meio de centenas de decretos, instruções normativas e "revogaços", sempre alinhado ao *lobby* dos grupos que atuam à margem da lei na Floresta Amazônica. O presidente defende abertamente as ati-

vidades ilegais. Em uma nova investida a favor do setor minerário, publicou um decreto atendendo às reivindicações de garimpeiros ilegais e praticamente estimulando a atividade, ora rebatizada como "mineração artesanal". O Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Mineração Artesanal e em Pequena Escala (Pró-Mapa) teria como objetivo promover o "desenvolvimento sustentável nacional" por meio de uma comissão da qual participariam indicados pelo governo e ficaria sob o guarda-chuva do Ministério de Minas e Energia. A bancada federal do PT já interpôs um projeto de lei para sustar a validade do decreto de Bolsonaro.

O próprio ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles é alvo de uma queixa-crime por envolvimento com o crime organizado na exportação de madeira ilegal. O general Hamilton Mourão, vice-presidente da República e presidente do Conselho da Amazônia, costuma receber grileiros e garimpeiros. Sempre que é questionado sobre a degradação da floresta, tenta escapar pela tangente. "O desmatamento em janeiro foi ruim, foi bem ruim", admitiu recentemente, antes de se isentar de responsabilidade. "A Amazônia é imensa e temos pouca gente pra operar em campo. O Ministério da Justiça e o Ministério do Meio Ambiente estão operando, mas houve um avanço da turma e estamos avaliando por quê", disse ao ser confrontado com o aumento do desmatamento em 418% em janeiro, na comparação com o mesmo mês do ano anterior.

Os crimes ambientais parecem diretamente relacionados à escalada da violência na região. A Amazônia Legal concentrou 77% dos assassinatos no campo em 2021, segundo a Comissão Pastoral da Terra. No ano anterior, os estados da região apresentaram taxas de violência superiores à média nacional. No Brasil, foram 23,9 mortes violentas intencionais a cada 100 mil habitantes. Na Amazônia, o indicador bateu em 29,6.

Após torrar 584,5 milhões de reais nas GLOs, Mourão diz que a Amazônia é "grande demais" para ser vigiada

Para agravar ainda mais o cenário, o governo federal liberou a posse de verdadeiros arsenais para alguns setores da sociedade. Dados da Polícia Federal revelam uma explosão de registros de novas armas entre 2020 e 2021 na Amazônia. Apenas em Mato Grosso, foram incorporadas 23 mil novas armas no ano passado. No Pará, 14,3 mil. Em Rondônia, 12,6 mil.

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública mapeou a presença das facções na região, bem como o seu *modus operandi*, no estudo *Cartografias da Violência na Região Amazônica (confira o gráfico à pág. 25)*. "Descobrimos que as rotas utilizadas pelo tráfico de drogas são as mesmas do contrabando de madeira e minério, como, por exemplo, o Porto de Barcarena, no Pará, onde escoam esses produtos para países como Bélgica, Noruega, Espanha e Luxemburgo, e onde também ocorrem constantes apreensões pela PF", explica Aiala Colares, pesquisador do Fórum e da Universidade Estadual do Pará. Segundo o especialista, as atividades criminosas contam com a participação de servidores, os quais "fazem vista grossa" ou atuam diretamente nos negócios ilícitos.

Nesta semana, para citar um exemplo, um sargento da PM de Roraima foi preso em flagrante pela Polícia Rodoviária Federal escoltando um carregamento ilegal de 7 toneladas de cassiterita em Boa Vista. Em nota, a corporação informou que enviou toda a documentação relacionada ao caso para a Corregedoria e que "não compactua com ilegalidades".

O estudo do Fórum Brasileiro de Segurança Pública apontou ainda para o fortalecimento das milícias, sobretudo na região metropolitana de Belém. "Lá, temos quatro tipos de milícias: a do transporte alternativo, a do contrabando, a do tráfico e a da segurança privada", explica Colares. Na avaliação do especialista, a atuação das Forças Armadas, focada na tática de guerrilha, não é suficiente para resolver os problemas socioeconômicos da região. O governo Bolsonaro gastou 584,5 milhões de reais nas Operações de Garantia da Lei e da Ordem na Amazônia, e não conseguiu reduzir a violência nem os crimes ambientais. Tampouco foi capaz de retomar territórios controlados pelas facções na floresta. "A despeito da riqueza natural, a região está mergulhada na desigualdade e na pobreza." •

Desculpa. "Temos pouca gente em campo", esquiva-se o general

ADNILTON FARIA/VPR

ALDO FORNAZIERI

Mudar para manter como está?

▶ O retrocesso do governo Temer e o desastre do governo Bolsonaro não podem ser atribuídos ao instituto da reeleição

Maquiavel, com sua sabedoria política incomparável, afirmou que as repúblicas mal fundadas procuram, ao longo dos tempos, muitas vezes por séculos, encontrar um caminho mais adequado, mudando, a todo momento, suas leis e instituições. Em vez de encontrá-lo, elas se afundam no erro e no extravio. O Brasil, seja enquanto Estado independente, seja como república, foi muito mal fundado por razões que não cabe aqui alinhar. O País confirma a tese de Maquiavel: está preso por um cipoal interminável de leis e por um processo sem-fim de mudanças constitucionais, atolando-se cada vez mais em impasses.

O debate sobre a reeleição entra nessa lógica desastrosa. O raciocínio é mais ou menos este: "Se existe uma crise, se as coisas não estão funcionando bem, vamos trocar de camisa". Os políticos não conseguem perceber que a solução não está na mudança inconsequente. Em muitos casos, a solução consiste em fazer as instituições existentes funcionarem. Claro que reformas estruturais são necessárias, principalmente aquelas que visam remover os perpétuos mecanismos da desigualdade e da privatização do poder e do orçamento. Mas, voltando a Maquiavel, ele observa que as repúblicas bem fundadas eram aquelas estáveis e perduráveis.

A história referenda essa tese: a Esparta de Licurgo, a república romana antiga, a própria lei mosaica da Bíblia, implantada e garantida pelo fio da espada, tinham ordenamentos perduráveis. Os Federalistas modernos, quando arquitetaram a Constituição norte-americana, tinham uma obsessão: criar instituições estáveis. Já os políticos e legisladores brasileiros inscreveram em suas testas e em seus corações o famoso dito de Giuseppe Tomasi di Lampedusa: "Vamos mudar para que tudo fique como está". Este é o triste espetáculo que oferecem para distrair o povo.

Até mesmo o pai da reeleição, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, se arrependeu de sua criatura e a vê como causa das crises. Em artigo publicado em 2020, faz autocrítica da mudança que bancou. Não apresenta nenhum argumento consistente para validar sua tese. O único argumento válido, neste caso, consistiria em comparar a incidência de crises antes e depois da reeleição. Parece evidente que o período pré-reeleição foi muito mais eivado de crises. No pós-reeleição, a grande crise foi o *impeachment* de Dilma, visto cada vez mais por analistas como um golpe. O retrocesso do governo Temer e o desastre do governo Bolsonaro não podem ser atribuídos ao instituto da reeleição.

No plano dos estados e municípios, não há fatos que corroborem a tese de que a reeleição é causa de crises. Estudos empíricos mostram que o fato de um prefeito concorrer à reeleição não lhe dá vantagem significativa para a sua vitória. No folclore da política brasileira, há até um exemplo contrário, do tempo em que não havia reeleição, uma suposta afirmação de Orestes Quércia, que teria dito: "Quebrei o Banespa, mas elegi o Fleury".

Esse tipo de situação anula um dos principais argumentos contra a reeleição: o da vantagem do uso da máquina pública por aquele que concorre à reeleição. Se ele não concorresse, poderia usar a máquina pública para eleger o seu sucessor. Então, o problema não está na reeleição, e sim no abuso de poder que deve ser coibido por outros meios.

Em 2016, a taxa de reeleição de prefeitos foi de 46%. Em 2020, subiu para 63%. Esses números não são conclusivos para dizer que o candidato à reeleição tem vantagens ou desvantagens na disputa. As eleições municipais de 2020 ocorreram em meio à pandemia e sob a evidência do fracasso das teses antipolíticas que dominaram as eleições de 2018. O fator conjuntural pode ter favorecido a reeleição de prefeitos.

O que se pode dizer em favor da reeleição é que se trata de um instituto ainda muito novo para dizer que não funciona. Em segundo lugar, é que se trata de um instituto que estimula a responsabilidade e a boa governança dos políticos eleitos em primeiro mandato. Por fim, vale dizer que, se um prefeito, um governador ou um presidente fazem bons governos, a população tem o direito de se beneficiar dessa boa gestão com a continuidade da mesma. Acabar com a reeleição significaria privar um município, um estado ou o país desse benefício.

Nos países parlamentaristas, *premiers* bem avaliados ficam por muitos anos no poder. A conservadora Angela Merkel ficou 16 anos no comando da Alemanha. O socialista Felipe González governou a Espanha por 13 anos. As evidências indicam que a reeleição é mais positiva do que negativa. O instituto, contudo, pode ser aperfeiçoado. Proibir um político reeleito de vir a ser candidato novamente em eleições futuras, e não apenas nas eleições seguintes, pode favorecer a renovação de lideranças políticas. •

alfornazieri@gmail.com

BAPTISTÃO

Até a próxima catástrofe

PETRÓPOLIS Eventos climáticos extremos tendem a se suceder, mas o Poder Público só se move após o desastre consumado

POR ANA LUÍSA BASÍLIO E RODRIGO MARTINS

A tormenta parecia não ter fim. Na terça-feira 15, durante seis horas, um forte temporal despejou 259,8 milímetros de água, o maior volume de chuvas em 90 anos, e arrasou a cidade de Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro. As ruas da antiga estância de veraneio da Corte Imperial se converteram em caudalosos rios, arrastando com força descomunal sofás, geladeiras, automóveis e o que mais encontrassem pelo caminho.

Quando a tempestade se dissipou, o cenário era desolador. Ao menos 54 casas foram destruídas pelas enxurradas e deslizamentos de terra. Mais de 400 cidadãos precisaram ser acolhidos em abrigos improvisados. O número de mortos crescia de forma assustadora a cada novo boletim da Defesa Civil. Na noite seguinte, o Corpo de Bombeiros confirmou a morte de 94 moradores. Apenas 24 foram resgatados com vida até aquele momento.

O total já é superior ao da tragédia de 2011, quando 74 habitantes da cidade (918 em toda a região serrana) perderam a vida na temporada de chuvas. Somente o desastre de 1988, com a morte de 138 moradores, foi mais letal. Ao menos por ora. Até a conclusão desta reportagem, as autoridades locais não apresentaram sequer uma estimativa do número de desaparecidos. O secretário da Defesa Civil e comandante-geral do Corpo de Bombeiros, coronel Leandro Monteiro, confirmou, porém, que muitos moradores continuam à procura de parentes nas áreas atingidas por soterramentos.

Com a tragédia consumada, o governador fluminense Cláudio Castro prometeu remover todas as famílias que vivem em áreas de risco. "Teremos postura corajosa e desmedida para fazer o que precisa ser feito, doa a quem doer", discursou Castro, sem esclarecer por que, então, a sua gestão gastou somente 47% do orçamento disponível para o programa de prevenção e resposta a desastres naturais no ano passado. Dos 407,8 milhões de reais da dotação inicial, apenas 192,8 milhões foram empenhados, segundo dados do Portal da Transparência. "Não se resolvem 20, 30, 40 anos em um ano", esquivou-se o governador, que tomou posse em caráter definitivo em 1º de maio de 2021, após o *impeachment* de Wilson Witzel.

Em 2021, o governo fluminense aplicou menos da metade do orçamento previsto para prevenção

De fato, o volume de chuva que caiu em Petrópolis em apenas seis horas é quase o total acumulado nos últimos 30 dias (272 mm). Desde que iniciou as aferições, em 1932, o Instituto Nacional de Meteorologia, conhecido pela sigla Inmet, jamais registrou um temporal tão intenso no município. Segundo especialistas consultados por *CartaCapital*, os eventos climáticos extremos tendem a se tornar cada vez mais frequentes, por conta do aquecimento global, e estão longe de ser meros "fenômenos naturais".

"O problema da crise climática não é natural, mas social. O aumento da temperatura da superfície global tornará esses eventos cada vez mais intensos. Mas o nosso questionamento é: qual é a infraestrutura que temos para proteger as comunidades que vivem em áreas de risco ou que estão em situação de vulnerabilidade? A resposta para isso é: nenhuma", alerta Rodrigo Santos de Jesus, responsável pela campanha de Clima e Justiça do Greenpeace Brasil. "Não existe uma prioridade em termos de planejamento urbanístico para áreas de risco. Às vezes, nem sequer existe um mapeamento das vulnerabilidades socioeconômicas dentro das cidades ou em zonas rurais."

Após a tragédia em Petrópolis, a ONG criou um abaixo-assinado para pressionar governadores a decretarem "estado de emergência climática", visando a criação de planos de adaptação. "Não podemos permitir que o Poder Público se mova somente pela urgência da catástrofe", diz a petição.

Na avaliação do secretário-executivo do Observatório do Clima, Marcio Astrini, é difícil cravar que a tempestade seja consequência direta das mudanças climáticas, mas uma coisa é certa: "Elas provocam exatamente o que vimos no sul

CARL DE SOUZA/AFP

Desespero. Passadas 24 horas, a cidade registrava 94 mortos, a maior tragédia desde 1988

da Bahia, no norte de Minas Gerais e agora em Petrópolis". O especialista reforça a necessidade de o Poder Público se preparar melhor para eventos climáticos extremos. "Existe algo similar em todas as últimas tragédias, que é a vitimização das populações mais pobres, geralmente alocadas em áreas com risco de desabamento ou enchentes. A adaptação deveria ser a palavra de ordem para os governos."

Em 2018, o estado do Rio de Janeiro formulou um plano de adaptação climática, com iniciativas de intervenção física e de conscientização das comunidades. O documento reconhece que o estado é "particularmente vulnerável a desastres naturais associados a eventos extremos em decorrência de históricas e constantes alterações no espaço físico e de questões biofísicas, como o relevo montanhoso, a descaracterização de rios e córregos, e o desmatamento da cobertura original de Mata Atlântica, bem como da ocupação desordenada de sua zona costeira".

Um estudo do Observatório do Clima e Saúde da Fiocruz revela que os desastres naturais nos municípios fluminenses deixaram, de 2001 a 2013, 1.381 mortos, 150.809 desalojados, 43.491 desabrigados e 7.882 feridos. No cálculo, não foi incluído o ano de 2012, devido à ausência de dados oficiais.

Em resposta aos questionamentos de *CartaCapital* sobre os investimentos na prevenção de desastres em Petrópolis, o governo do Rio informou ter investido 28 milhões de reais em obras de melhoria do escoamento dos rios Santo Antônio, Cuiabá e Carvão, "para minimizar as inundações decorrentes do transbordo desses rios". No segundo semestre de 2021, o programa Limpa Rio também removeu 13.378 metros cúbicos de resíduos em diversas localidades. Além disso, a cidade de Petrópolis foi uma das contempladas pelo programa Casa da Gente para receber 340 unidades habitacionais. Mas, como a própria nota reconhece, as moradias são para sanar apenas "parte do passivo da tragédia de 2011".

A prefeitura de Petrópolis estima que ainda existem 10 mil domicílios em áreas de risco, sem mencionar as pessoas em situação de rua. Várias delas, por sinal, ajudaram a resgatar moradores da enxurrada que devastou áreas centrais, como noticiou o jornal *Extra*. "Graças a Deus, consegui jogar a corda e resgatar um rapaz", relatou Antonio Gama, de 35 anos, ex-morador de Nova Friburgo, município vizinho devastado pelas chuvas de 2011. "Essa cena nunca vi nem na minha cidade, que enfrentou enchentes assim." •

Terra arrasada

PACOTAÇO Os projetos prioritários do governo federal para 2022 trazem enormes retrocessos para o meio ambiente, a segurança e a educação

POR MAURÍCIO THUSWOHL

Herói nacional na Rússia, Mikhail Kutuzov entrou para a história ao se valer da tática da "terra arrasada" para deter Napoleão Bonaparte em 1812. Sua ideia foi simples e terrivelmente eficaz. À medida que as tropas da França entravam em território russo, o marechal de campo levava as suas a recuarem mais e mais, não sem antes queimar todas as casas e plantações e matar todos os animais pelo caminho. A arapuca deixou os franceses fracos e desprotegidos demais para resistir ao duro inverno e aos contragolpes organizados por Kutuzov. Duzentos e dez anos depois – e muito longe da inteligência tática do militar russo – Jair Bolsonaro e sua base parecem querer repetir no Congresso a tal "terra arrasada". Com a possibilidade de reeleição parecendo menor a cada dia, o ex-capitão pretende usar o último ano de mandato para aprovar uma série de projetos que, se virarem leis, tornarão ainda mais difícil a vida do seu sucessor.

Com a assinatura do ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira, o pacote de prioridades enviado ao Congresso e publicado em portaria no *Diário Oficial da União* tem 45 projetos de lei, com 39 deles em tramitação na Câmara ou no Senado. Se aprovadas, as propostas trarão mudanças a setores como economia, infraestrutura, meio ambiente, agricultura, segurança pública, saúde e educação. O comando da operação está todo com o

Prato cheio. Somente no ano passado, foram concedidas 562 novas licenças para agrotóxicos químicos ou biológicos

PP, partido de Nogueira e do presidente da Câmara, Arthur Lira, que prometeu empenho em colocar o quanto antes em votação a pauta sugerida pelo governo. O líder do governo na casa, deputado Ricardo Barros, afirmou existir "uma clara linha de ação" em todos os projetos de lei: "Aperfeiçoar o funcionamento do Estado, romper entraves à atividade econômica para modernizar o Brasil", disse à Agência Câmara.

O sinuoso palavreado de Barros, investigado pela CPI da Covid por suposto envolvimento na aquisição ilegal de vacinas, soa vago e provoca a reação da oposição. A lista de prioridades bolsonarista, alertam alguns parlamentares, está aí para "facilitar a vida" mais de alguns cidadãos do que de outros. "A pauta de Bolsonaro enviada ao Congresso é uma típica pauta do fim do mundo. Desde o PL que libera veneno para o prato dos brasileiros, passando por grilagem e garimpo em terras indígenas até a liberação para mortes indiscriminadas por policiais. Uma verdadeira tragédia que Bolsonaro tenta deixar como herança após o fim desta trágica passagem dele pela Presidência da República", afirma o deputado federal Alessandro Molon, do PSB, líder da oposição na Câmara.

A política de "terra arrasada" de Bolsonaro e do PP poderá ser fatal, sobretudo, para a combalida legislação ambiental brasileira. O conjunto de prioridades em trâmite na Câmara ou no Senado recebeu dos ambientalistas a alcunha de "pacote da morte" por trazer retrocessos ambientais e beneficiar criminosos e infratores em áreas diversas, como grilagem de terras, licenciamento ambiental, caça, terras indígenas, infraestrutura hídrica, mineração, fiscalização ambiental e concessões florestais. Amarga, a primeira proposta do pacote – o PL 6299, mais conhecido como "PL do Veneno", uma bomba ambiental que tramitava há 20 anos e libera geral a produção de agrotóxicos no Brasil – foi aprovada em 9 de fevereiro com a providencial ajuda de Lira, que determinou votação no plenário em regime de urgência. O texto segue agora ao Senado.

> **Bomba ambiental que tramitava há 20 anos, o "PL do Veneno" libera geral a produção de pesticidas no País**

Apresentado em 2002 e à espera de ser pautado em plenário desde 2018, o PL do Veneno dá total autonomia ao Ministério da Agricultura para registrar e classificar pesticidas, inseticidas e defensivos agrícolas no Brasil, um dos maiores consumidores mundiais desse tipo de produto. Somente no ano passado, foram concedidas 562 novas licenças para agrotóxicos químicos ou biológicos. O projeto tira o poder de veto da Anvisa e do Ibama sobre esses venenos e, alerta a oposição, deve aumentar os riscos à saúde trazidos por algumas culturas onde ainda estão em uso substâncias proibidas há anos nos EUA e na União Europeia.

"Não dá para colocar cada vez mais veneno na mesa do povo. Bolsonaro registrou 1,5 mil moléculas de agrotóxicos em três anos", diz o deputado federal Rodrigo Agostinho, do PSB. Coordenador da Frente Parlamentar Ambientalista, ele afirma que o perigo para a legislação ambiental é muito mais amplo do que a questão dos venenos: "Nosso grande medo é de que novas mudanças no Código Florestal sejam feitas e ocorra um avanço sobre as terras indígenas. O agronegócio e a mineração estão juntos no ataque à legislação ambiental".

Há ainda na lista do governo o PL 490, ou "PL do Marco Temporal", que estabelece como Terras Indígenas apenas aquelas que estavam em posse dos índios no momento da promulgação da Constituição de 1988, além de proibir a expansão das mesmas e flexibilizar o contato com os povos isolados. Existe também o PL 191, que permite a mineração em Terras Indígenas e tem, segundo os ambienta-

ISTOCKPHOTO E MAURO PIMENTEL/AFP

listas, o objetivo de legalizar os garimpos ilegais hoje existentes na Amazônia.

Segundo a oposição, o "pacote da morte" de Bolsonaro favorece a grilagem de terras públicas com o PL 2633 (PL 510 no Senado), que abre a possibilidade de regularização fundiária das áreas da União a partir de uma simples "autodeclaração" feita pelos eventuais ocupantes, além de anistiar invasões ilegais. Há também o PL 4546, que institui a Política Nacional de Infraestrutura Hídrica e, segundo os críticos, afrouxará ainda mais as exigências e contrapartidas ambientais para empreendimentos no setor.

Em seu todo, o pacote é visto pela oposição como o último esforço de Bolsonaro e sua base no Congresso para desmontar a legislação ambiental brasileira. "É uma tentativa da bancada ruralista e bolsonarista de aumentar seus lucros", resume o deputado federal Nilto Tatto, do PT.

Não é apenas na área ambiental que o governo federal adota a tática da "terra arrasada". Na segurança pública, os críticos apontam uma tentativa de aumentar o espaço dos grupos paramilitares e diminuir o dos direitos humanos. O PL 6438, por exemplo, amplia o porte de armas e concede "o direito de andar armado durante o exercício profissional" para diversas categorias de servidores públicos. Se aprovada, colocará armas nas mãos de guardas municipais, agentes de trânsito e peritos criminais, entre outros.

Para Ivan Marques, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ampliar as categorias profissionais que têm porte significa o aumento do número de armas de fogo em circulação no País. "O Estatuto do Desarmamento é muito claro ao colocar que somente determinadas carreiras estatais devem fazer uso recorrente de armas. E, ainda assim, com grande parcimônia. Quanto mais armas em circulação, maior é o risco de que possam ser desviadas e usadas contra a própria sociedade."

Outra frente é o PL 360, que altera a

A proibição das saídas temporárias compromete a progressão de regime e a ressocialização dos detentos

Lei de Execução Penal e acaba com as saídas temporárias de detentos que estejam cumprindo pena em regime semiaberto: "Esta é uma questão polêmica no Brasil, mas o Estatuto da Saída Temporária está de acordo com o princípio da progressão de regime e da ressocialização do preso. As saídas temporárias devem ser concedidas para que os presos voltem ao convívio harmônico com a sociedade de maneira sustentada e monitorada", diz Marques.

Na educação, a lista de prioridades de Bolsonaro inclui o PL 2401, em tramitação na Câmara, que altera o Estatuto da Criança e do Adolescente para "regula-

AKIRA ONUMA/SUSIPE/GOVPA, PEDRO GONTIJO/AG. SENADO E REDES SOCIAIS

De que lado está? As ONGs ambientais sabem que não podem contar com Lira, exímio capataz do governo. A turma apela ao bom senso do presidente do Senado

mentar o direito à educação domiciliar". O projeto busca legalizar a prática conhecida como *homeschooling*, uma bandeira internacional da extrema-direita severamente criticada pelos educadores.

Para reduzir os eventuais danos contidos nas propostas aprovadas na Câmara, as entidades da sociedade civil contam com a ajuda do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, do PSD. Em carta aberta, o Greenpeace pergunta se ele está do lado da destruição ou do lado da vida: "Nós precisamos que o Congresso Nacional cumpra o seu papel de representar a população brasileira, freando a boiada destruidora que está passando para favorecer poucos grupos empresariais". A organização afirma que Lira "já provou ser o funcionário número 1 do governo Bolsonaro" e pressiona Pacheco. "Cabe ao presidente do Senado decidir de qual lado quer estar."

Desde o início da pandemia, Pacheco por diversas vezes atuou como contraponto a Lira e ajudou a barrar no Senado propostas de interesse do governo. A oposição espera que isso se repita: "Temos esperança de que o Senado fará as alterações necessárias como casa revisora ou simplesmente não paute tantos retrocessos vindos da Câmara", diz Agostinho.

Presidente da Comissão de Meio Ambiente do Senado, Jaques Wagner, do PT, avalia que, se submetidas a um trâmite normal, muitas pautas danosas podem ser neutralizadas pelos senadores: "Estamos em interlocução direta com o presidente Rodrigo Pacheco, para que as propostas que tenham relação com as pautas ambientais, vindas da Câmara ou direto do próprio governo, tenham sua tramitação normal no Senado, passando pelas comissões. E também com a devida transparência e os debates que se fazem necessários para melhorar as propostas".

A preocupação de Wagner justifica-se pelo fato de que, na Câmara, Lira tem utilizado permanentemente o recurso do regime de urgência para acelerar a aprovação dos projetos de interesse do governo. Com base na célere aprovação do PL do Veneno, o PV deu entrada na sexta-feira 11 em uma Ação Direta de Inconstitucionalidade no STF que questiona a utilização do regime de urgência em matérias socioambientais consideradas sensíveis. O partido cita a Constituição Federal e pede que o Supremo proíba Câmara e Senado de pautar as votações dessa forma. "Propostas desprovidas de real urgência e que podem causar sérios danos à sociedade tramitam pelo regime sumário no Congresso Federal, o que acaba por tolher o debate intrínseco à democracia no âmbito da aprovação de leis." •

Noivo neurótico, noiva nervosa

ELEIÇÕES A eleição paulista está no centro da discórdia entre o PT e o PSB e pode atrasar o anúncio da chapa Lula-Alckmin

POR FABÍOLA MENDONÇA

Durante um encontro na noite da sexta-feira 11, Lula e Geraldo Alckmin avançaram nas negociações e definiram o mês de março como o momento ideal para o anúncio de que o ex-governador tucano será, de fato, o vice do líder petista na corrida presidencial. A militância do PT parece conformada com a decisão do seu presidente de honra, tanto que se antecipou ao anúncio formal da chapa e já compartilha nas redes sociais um santinho com a foto dos dois candidatos, lado a lado. Persistem, porém, as incertezas em relação à aliança com o PSB, provável destino de Alckmin.

Reconhecida como constitucional pelo STF, a federação partidária tornou-se motivo de desavença entre PSB e PT, legendas que, desde o fim do ano passado, buscam a formação de uma frente política, juntamente com o PCdoB e o PV. O principal obstáculo é a discordância em relação à disputa em São Paulo. O ex-governador Márcio França, do PSB, reivindica apoio na disputa pelo Palácio dos Bandeirantes, mas o petista Fernando Haddad, ex-prefeito da capital, encontra-se mais bem colocado nas pesquisas e o PT não abre mão de tentar conquistar o estado mais rico e populoso do País.

As duas siglas brigam, ainda, pelo comando da federação e antevê problemas nas alianças para as eleições municipais de 2024. O acirramento chegou a tal nível que não será surpresa se o pretenso bloco federado implodir antes mesmo de ser consumado. Nos bastidores, Lula não esconde a insatisfação com as exigências colocadas pelo PSB, embora seja um dos mais interessados no “casamento”, considerando o desejo de contar, em um eventual terceiro mandato presidencial, com uma sólida base na Câmara.

O diretório nacional do PT reuniu-se, na segunda-feira 14, para avaliar o andamento das conversas em torno da federação, e boa parte dos presentes classificou como descabidas e inaceitáveis as exigências do PSB. A rejeição maior foi em relação a três pontos: vetos de candidaturas, computar a quantidade de prefeitos e vereadores de cada partido para definir a divisão dos cargos diretivos no bloco e a imposição de candidaturas natas em 2024, para quem já está no exercício do mandato. “Nem o PT aceita internamente candidatura nata. O prefeito pode ser bem ou mal avaliado, e qualquer militante, desde que preencha os requisitos, pode pleitear uma prévia”, destaca o deputado federal Rui Falcão, integrante da Executiva Nacional.

Na composição dos cargos, o PT defende a proporcionalidade com base na bancada federal de cada partido. Nesse caso, ficaria com 27 dos 50 cargos, o PSB com 15, o PV e o PCdoB com 4, cada um. Se for considerado o número de prefeitos e vereadores, o PSB teria a maioria. Antes de a temperatura esquentar, tinha sido acordado que as decisões precisariam ter dois terços dos federados e que haveria um rodízio das siglas na coordenação geral. Com as novas exigências do PSB, as negociações voltam à fase inicial.

O PSB acusa o PT de pretender ter o controle hegemônico do bloco. Em resposta, petistas alegam que o partido não vai se apequenar para satisfazer as outras legendas. O deputado federal José Guimarães, um dos integrantes da comissão criada pelo PT para negociar, admite haver dificuldades para se chegar

Campanha. Nas redes, já circula um santinho da dupla

Aliança. Lula e Alckmin estão juntos. Resta saber se o ex-tucano irá mesmo para o PSB ou terá de arrumar outro lar

RICARDO STUCKERT

a um acordo, mas considera precipitado falar que a federação está inviabilizada. "As cartas estão na mesa. Não é fácil construir um consenso. Mas, se não der, não deu. Não tem nada de anormal nisso."

No imbróglio da disputa em São Paulo, Lula considera que, pela primeira vez, o PT tem a chance de governar o maior estado do País e, portanto, não abre mão da candidatura de Haddad. Em entrevista ao *site* de *CartaCapital*, França avalia, porém, ter mais chance de ganhar, devido ao sentimento antipetista que persiste em parcela significativa do eleitorado paulista. Ele rememora o pleito de 2018, quando obteve 10 milhões de votos para governador, perdendo para João Doria, do PSDB, por uma diferença de 2%, enquanto Haddad teve a preferência de 7 milhões de eleitores paulistas na disputa presidencial, 3 milhões a menos. "Se a prioridade é a eleição de Lula, o ideal é ter alguém que amplie para buscar um eleitor não petista."

> O PSB sonha com a volta de Márcio França ao governo e o PT não abre mão de disputar o estado mais rico do País

O ex-governador diz, porém, estar disposto a buscar um acordo e propôs uma pesquisa em maio ou junho para aferir as intenções de voto de cada um. "Quem estiver na frente é o candidato", garante. Se depender de Haddad, atual líder nas pesquisas, o arco de alianças estará definido bem antes, até meados

de março. O petista avalia ser preciso se antecipar ao prazo da janela partidária (1º de abril) para atrair parlamentares em troca de partido.

Se França evoca o antipetismo para reforçar seu nome, os petistas lembram do perfil de centro-direita dele. Citam, por exemplo, a campanha de 2018, quanto França tentou se descolar da campanha presidencial de Haddad, porque João Doria o acusava de ser o "candidato de Lula". Além disso, alguns parlamentares do PSB têm cargos na administração Doria e o deputado estadual Vinícius Camarinha é líder do governo na Assembleia Legislativa. Diante da guerra entre as duas legendas, Alckmin foi acionado para tentar apagar o incêndio. Após o jantar da sexta-feira 11, realizado na casa de Haddad, o ex-tucano reuniu-se com o presidente nacional do PV, José Luiz Pena, e pediu para que ele intervenha no sentido de selar a paz. No encontro, Pena convidou Alckmin a se filiar ao PV, mais uma alternativa para o ex-tucano, também assediado pelo PSD e pelo Solidariedade.

Se a federação não vingar, problemas sanados em outros estados podem voltar

Haddad lidera as pesquisas. França evoca o antipetismo para dizer que tem mais chances no segundo turno

à tona. É possível que o PT volte a lançar candidatos onde tinha definido apoio ao PSB, como Pernambuco e Espírito Santo. No primeiro caso, os petistas abriram mão de lançar Humberto Costa para governador, líder nas pesquisas, em prol do deputado pessebista Danilo Cabral. A ala do PSB pernambucano seria a mais intransigente em relação às exigências para federar com o PT, em particular o prefeito do Recife, João Campos. Ele é candidato natural do partido à reeleição em 2024 e protagonizou, em 2018, uma fratricida disputa com a petista (e prima) Marília Arraes, do PT. Além disso, pretende lançar a deputada federal Tabata Amaral, sua namorada, na disputa pela prefeitura de São Paulo daqui a dois anos.

Acordo. Haddad quer uma definição até março. França aposta nas pesquisas de maio

Recém-filiada ao PSB, Amaral deu várias demonstrações de resistência em se coligar com o PT e subir no palanque com Lula. Procurado pela reportagem, João Campos não retornou o contato, assim como Carlos Siqueira, presidente do PSB.

Em relação ao Espírito Santo, a temperatura esquentou depois que o governador, Renato Casagrande, recebeu, no sábado 12, a visita do ex-juiz Sergio Moro, candidato à Presidência pelo Podemos. "Para nós, Moro não é um adversário comum. É aquele juiz venal, que manipulou sentenças, ajudou a eleger Bolsonaro e condenou injustamente Lula. Não faz o menor sentido que o PSB autorize esse tipo de iniciativa", critica Rui Falcão. "É preciso que os comportamentos estejam em sintonia com a federação", completa José Guimarães. O PT carrega na manga o nome de Fabiano Contarato, recém-filiado ao partido, para disputar o governo do Espírito Santo.

Em recente entrevista à *Folha de S.Paulo*, Casagrande acusou os petistas de serem "arrogantes" e "guardiões de pureza ideológica". Disse ainda que é cedo para declarar apoio a candidaturas presidenciais. A movimentação do governador capixaba motivou o PT a cobrar dos partidos que estão dispostos a federar o apoio formal ao nome de Lula. Os petistas devem procurar também o PSOL e a Rede para que as siglas façam o mesmo, embora eles não estejam na mesma federação que os petistas querem montar.

"Todos temem a hegemonia do PT. O PSB está barganhando, forçando a barra um pouco para tentar diminuir o tamanho do PT. Mas os socialistas não têm outra saída, pois correm o risco de ficar sozinhos", comenta, em reserva, uma liderança do PV que acompanha de perto as negociações. "No final, devem ceder em São Paulo e Márcio França será candidato a senador. Se Alckmin for vice pelo PSB, o partido sairá grande também." •

REDES SOCIAIS

GUILHERME BOULOS

BAPTISTÃO

É a periferia, estúpido!

▶ Lula é favorito, mas a eleição não está ganha. A vitória precisará ser conquistada a partir de ampla mobilização nos becos e vielas. É preciso gastar a sola do sapato

Em 1992, o economista James Carvill, integrante da campanha de Bill Clinton à Presidência dos EUA, resumiu o foco da vitória sobre George Bush com a seguinte frase: "É a economia, estúpido!" Sim, o cenário econômico foi decisivo para o descontentamento social que impediu a reeleição do presidente republicano. Famoso e usado à exaustão, o bordão ganha outro sentido nas eleições que enfrentaremos no Brasil este ano.

Se fôssemos analisar os dados econômicos frios, Bolsonaro já estaria derrotado: PIB provavelmente negativo no ano eleitoral, desemprego elevado e inflação crescente. Mesmo quando houve algum crescimento econômico em seu governo, foi alicerçado no agronegócio, que gera poucos empregos e está voltado para a exportação. Pela economia, *strictu sensu*, a eleição estaria decidida. Isso sem mencionar a conduta criminosa do ex-capitão na pandemia, as suas constantes ameaças autoritárias e os escândalos com milicianos, orçamento secreto e rachadinhas.

De fato, todos esses fatores definem o favoritismo de Lula, atestado em qualquer pesquisa de opinião. Nem precisaria do Datafolha. O Data Boteco, o clima nas ruas e nas redes sociais, revela uma mudança de ventos contra Bolsonaro e a favor do ex-presidente, que renasce como uma Fênix após anos de linchamento público e uma prisão política de quase dois anos.

Insisto, porém, em um ponto que tenho martelado em todas as conversas políticas: o jogo não está ganho. A disputa será mesmo, ao que tudo indica, contra Bolsonaro. Nenhum nome da chamada terceira via – a começar pelo patético Sergio Moro, ex-ministro do capitão – demonstra condições de crescimento eleitoral. Mas é justamente Bolsonaro que, apesar da aparência de cachorro morto, pode crescer onde hoje as pesquisas menos indicam: o eleitorado popular, nas periferias do Brasil.

Pode parecer um contrassenso, dada a popularidade de Lula entre os mais pobres e, particularmente, no Nordeste. Mas não é. Seria um erro grosseiro subestimar o efeito de um auxílio de 400 reais para 18 milhões de famílias brasileiras que se encontram na extrema pobreza. Não é pouca coisa em tempos de vacas magras. O benefício pode representar a diferença entre comer ou não, entre ser despejado ou conseguir pagar o aluguel.

Que o Auxílio Brasil seja uma jogada eleitoreira, que tem prazo de validade no fim do ano; que a fome, a inflação e a estagnação econômica foram produzidas pela política deste mesmo governo; tudo isso, quem está no calor da luta política sabe, mas pode não surtir tanto efeito diante da sensação de melhora de vida para milhões de pessoas atiradas no desespero. Isso sem mencionar as centenas de pequenas obras, espalhadas pelo País, fruto do retalho do investimento público pelo orçamento secreto, destinado a parlamentares comprometidos com o governo. A propósito, pesquisas internas que partidos têm feito nas últimas semanas apontam um crescimento de Bolsonaro precisamente neste setor da sociedade.

Enquanto a mídia e a maior parte das forças partidárias focam suas atenções na superestrutura do debate político – federações, coligações, montagem dos palanques etc. –, pode estar em curso, silenciosamente, uma recuperação relativa de Bolsonaro nas periferias urbanas e no interior do País. Repito, não há dúvidas de que Lula seja o favorito para vencer as eleições de outubro, mas a vitória precisará ser conquistada a partir de ampla mobilização e diálogo nas periferias. Mais que nunca, essa campanha exigirá engajamento muito além de jogadas espertas de marqueteiros profissionais.

Será uma batalha de becos e vielas, a envolver os meios de comunicação e as redes sociais, mas também bastante sola de sapato e militância. A eleição de 2022 será uma guerra, em um país conflagrado. Aos que acham que o jogo está resolvido; aos que imaginam que composições partidárias e gestos ao centro sejam suficientes para levar a fatura, vale parafrasear o batido *slogan* de James Carvill, realocando no centro da nossa batalha: é a periferia, estúpido! •

redacao@cartacapital.com.br

Nas asas do dragão

GEOPOLÍTICA Com a adesão da Argentina, a Nova Rota da Seda chinesa alcança 145 países ao redor do planeta

POR CARLOS DRUMMOND

A adesão da Argentina à Nova Rota da Seda, ou Belt and Road Initiative (BRI), o maior programa mundial de investimento estrangeiro em infraestrutura, criado pela China em 2013, marca a expansão, na América Latina, dessa estratégia criada para reconfigurar a geopolítica mundial, segundo vários especialistas. Um encontro entre os presidentes da Argentina, Alberto Fernández, e da China, Xi Jinping, formalizou o ingresso do 21º país latino-americano na BRI. "Não se trata apenas de uma assinatura de contrato, mas de um marco relevante nas relações bilaterais, muito importante para a Argentina, que procura se reorganizar economicamente e reencontrar seu lugar no cenário internacional", explica o economista Bruno De Conti, professor do Instituto de Economia da Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos Brasil-China, da mesma universidade. Não por acaso, diz, a adesão à Nova Rota da Seda foi acompanhada de um conjunto de outras discussões e acordos que visam o estreitamento da relação entre os dois países.

"É importante destacar" – acrescenta De Conti – "que o governo Fernández acaba de vir de uma importante renegociação de suas dívidas com o Fundo Monetário Internacional, mostrando competência para diálogos bem-sucedidos em todos os lados do ordenamento geopolítico atual. Essa história de escolher só um lado é de uma estupidez sem tamanho, algo que só pode ser visto em um governo pequeno e despreparado, como o brasileiro", dispara o economista.

Até fevereiro, 145 países assinaram memorandos de entendimento para integrar a Nova Rota da Seda. Calcula-se que, em 2025, os projetos de investimento da BRI deverão superar a marca de 1 trilhão de dólares de financiamento externo à infraestrutura estrangeira, provenientes, em boa medida, de bancos de desenvolvimento e bancos comerciais estatais chineses. Em algumas nações, empreendimentos viabilizados com a integração à iniciativa chinesa constituem o maior projeto de todos os tempos, caso do Mandaraka Express Train, no Quênia, que reduziu o tempo de viagem entre Nairóbi a Mombaça por ferrovia de 15 para quatro horas e meia.

O ambicioso projeto de integração expande a influência de Pequim

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO/ARGENTINA E PRESIDÊNCIA ARGENTINA

O Brasil continua à margem da iniciativa em meio a um colossal realinhamento de forças que enfraquece o sistema unipolar comandado pelos Estados Unidos e fortalece uma perspectiva multipolar na qual a China, com a Nova Rota da Seda, e a Rússia, sua aliada, se sobressaem. A recente declaração conjunta dos presidentes dos dois países, Xi Jinping e Vladimir Putin, tem imenso significado geopolítico, nas

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 44

Comércio exterior. O Reino Unido pós-Brexit busca novos parceiros e quer fechar acordo com o Brasil

Anzol. Jinping e Fernández assinaram o termo de adesão da Argentina, que terá acesso a financiamento à infraestrutura e investimentos industriais

palavras do ex-ministro Celso Amorim, que a considera o fato mais importante desde o fim da Guerra Fria, por expressar o término de uma era de hegemonia mundial quase absoluta dos Estados Unidos. O documento formaliza o apoio da China à reivindicação da Rússia, de não ingresso da Ucrânia na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), a aliança militar entre Estados Unidos e países europeus comandada por Washington, e também

África. No Quênia, a nova ferrovia financiada pelos chineses reduziu o tempo de viagem de Nairóbi a Mombaça de 15 para quatro horas e meia e incrementou a economia local

o suporte da Rússia à China no que se refere a considerar Taiwan parte integrante do território chinês. Além desse apoio recíproco, a declaração defende a necessidade de se levarem em conta os interesses de países mais fracos, entre outros pontos.

A BRI retoma o espírito da Rota da Seda, malha de vias terrestres que, desde o ano 200 antes de Cristo, conectava a atual Xian, na China, a Antioquia, na Ásia Menor, com inúmeras ramificações. O complexo de estradas constituiu a maior rede comercial do Mundo Antigo, importante para o desenvolvimento do Egito, da Mesopotâmia, da China, da Pérsia, da Índia e de Roma, e impulsionou o início da Era Moderna. "Muitas das principais tecnologias que levaram à Revolução Industrial britânica chegaram da China à Europa por meio de comerciantes ao longo da Rota da Seda por terra e mar", sublinha o economista Peter Nolan, professor de desenvolvimento chinês da Universidade de Cambridge. Em 2013, diz Nolan, Xi Jinping considerou que uma nova Rota da Seda, por terra e mar, de conexão entre a China e o Ocidente, seria uma parte fundamental das relações internacionais do país.

Fernández encontrou-se com Jinping na condição de novo presidente da Celac, a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos que reúne 33 países e foi rejeitada formalmente pelo governo Bolsonaro em 2020. O presidente argentino voltou de Pequim com o compromisso do governo chinês de desembolsar 23 bilhões de dólares em contratos de financiamento de obras e investimentos nos setores de energia, água e esgotos, transportes, construção de habitações, incremento às exportações, cooperação agrícola e usos pacíficos da energia nuclear, tudo dentro do megaprojeto da Nova Rota da Seda.

O aporte de recursos para investimentos no contexto atual de crise pode gerar efeitos importantes para o dinamismo da economia argentina, além de representar um alívio momentâneo na crônica escassez de divisas que acomete o país. Segundo a *newsletter* argentina *Diálogo Chino*, "graças aos *swaps* de moedas entre os Bancos Centrais dos dois países, a China ajudou a aumentar as reservas internacionais da Argentina".

O estreitamento dos laços econômicos entre os dois países envolve, no entanto, um problema, que ocorreria também no caso de um processo semelhante em relação à economia brasileira. "Há o risco de acentuar os traços de uma relação comercial na qual a Argentina exporta sobretudo *commodities* agrícolas, de baixo valor agregado, e importa da China produtos industrializados, de mais alta tecnologia e maior valor agregado", alerta De Conti. Um perigo, afirma, de toda integração que envolve países heterogêneos, de cristalização e aprofundamento de uma relação assimétrica, com termos de troca desiguais. "Tudo isso dependerá dos passos a serem dados a partir de agora, porque, a depender da inteligência estratégica do governo argentino, pode-se atrair investimento chinês industrial, por exemplo, para eletromobilidade, área em que os chineses são muito desenvolvidos", destaca o economista.

O ingresso da Argentina na Nova Rota da Seda foi antecedido pela adesão de Cuba, há 60 anos sob o bloqueio econômico-financeiro de países do Ocidente imposto pelos EUA. O pacto, assinado em dezembro, contempla um calendário de projetos bilaterais e investimentos em infraestruturas, tecnologia, cultura, educação, turismo, energia, comunicações e biotecnologia. Algumas reações à integração chinesa com países latino-americanos reforçam a percepção de que a Nova Rota da Seda encarna mudanças geopolíticas de enorme alcance. No Congresso dos Estados Unidos, o representante republicano Matt Gaetz, aliado do ex-presidente Donald Trump, advertiu que, enquan-

to o governo Biden faz soar os tambores de guerra pela Ucrânia, existe uma ameaça muito mais significativa para os EUA, “perto de casa, na Argentina, que acaba de se unir ao Partido Comunista Chinês ao aderir à iniciativa da Nova Rota da Seda”, conforme noticiou o jornal *El Clarín*. Segundo Gaetz, a “compra de influência e infraestrutura por parte da China na Argentina, para colaborar em atividades espaciais e de energia nuclear, é um desafio direto à Doutrina Monroe”, referência à determinação do presidente James Monroe, dos EUA, em 1823, de repelir tentativas de nações de outros continentes controlarem países da América Latina. O ataque continuou no Senado, com a apresentação, pelo republicano Marco Rubio e pelo democrata Bob Menéndez, de um projeto de lei para conter “o impacto desestabilizador e a influência maligna da China e da Rússia na América Latina”.

Quanto ao sentido econômico dessa integração, há maior convergência, sugere esta manifestação do ex-presidente e conselheiro da Siemens, Joe Kaeser, na última edição do Fórum Econômico Mundial. “Os EUA e a Europa devem aceitar o fato de que o equilíbrio do poder econômico está se deslocando para o Leste. Segundo estimativas, a China se tornará a maior economia do mundo até 2030. E com a Nova Rota da Seda, a influência geopolítica chinesa crescerá. Os países que aderiram à iniciativa representam 70% da população mundial e mais de 50% do PIB global”, ressaltou Kaeser. Em 1985, sublinhou o empresário, a Siemens foi a primeira multinacional a assinar um acordo de cooperação com o governo chinês, pacto que “resultou em uma transferência de tecnologia e conhecimento sem precedentes”.

Em pouco mais de duas décadas, o comércio chinês com a América Latina pulou de 12 bilhões para 450 bilhões de dólares

A Nova Rota da Seda segue uma lógica de expansão da economia chinesa. “Em primeiro lugar, trata-se de um programa que visa o aumento do comércio internacional, para que os produtos chineses cheguem mais rapidamente e com menor custo no mundo todo e, no sentido inverso, produtos importados, sobretudo matérias-primas e insumos industriais, desembarquem mais rapidamente e com menor custo na China. Há também um componente vital para a economia chinesa, que é um acesso mais amplo a fontes de energia, com destaque para petróleo e gás”, ressalta De Conti. Nesse caso, a questão não é apenas barateá-los, mas garantir rotas alternativas para chegarem à China, evitando a extrema dependência de vias sensíveis do ponto de vista geopolítico, como o Estreito de Malaca, por onde chega ao país cerca 80% do petróleo importado pela China, rota que pode ser interditada em uma situação de tensão ou conflito com outros países.

A Nova Rota da Seda serve também “para aumentar os investimentos chineses no mundo, que visam dinamizar a economia chinesa, hoje com capacidade ociosa excessiva em muitos setores e, algo que é extremamente importante, ajudar na difusão de padrões tecnológicos chineses pelo globo”. O projeto pode ser útil ainda a um processo de ampliação do crédito de instituições chinesas a estrangeiras e, de modo associado, à internacionalização do renminbi, a moeda chinesa. Por fim, destaca De Conti, atende ao plano de redução das desigualdades regionais, pois a Nova Rota da Seda prevê investimentos importantes no oeste do país, região menos desenvolvida.

Um aspecto específico, mas relevante, é a política do governo chinês em relação à Covid-19, de tolerância zero ao vírus e de aumento das exportações e doações de

CRISTINE ROCHOL/PREFEITURA DE PORTO ALEGRE/RS E KENYA RAILWAYS

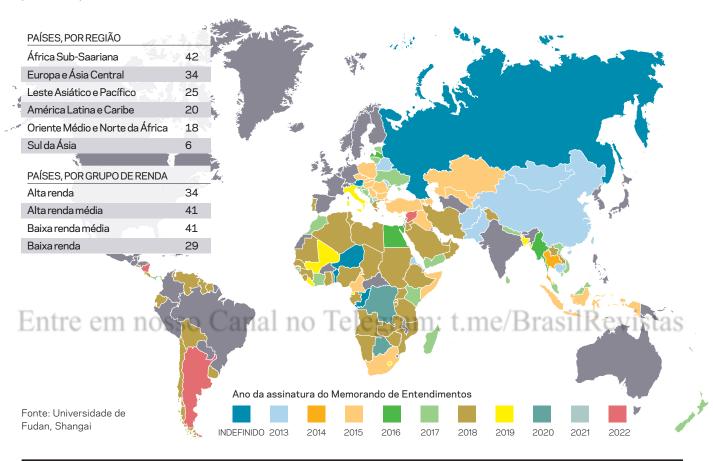
Superação. Irradiadora da Covid-19, a China sairá mais forte da pandemia

A NOVA CARTOGRAFIA DO PODER MUNDIAL, DEFINIDA PELO MEGAPROJETO CHINÊS DE INFRAESTRUTURA

Até fevereiro de 2022, 145 países haviam assinado o Memorando de Entendimentos para fazer parte da Nova Rota da Seda (Belt and Road Initiative – BRI)

PAÍSES, POR REGIÃO	
África Sub-Saariana	42
Europa e Ásia Central	34
Leste Asiático e Pacífico	25
América Latina e Caribe	20
Oriente Médio e Norte da África	18
Sul da Ásia	6

PAÍSES, POR GRUPO DE RENDA	
Alta renda	34
Alta renda média	41
Baixa renda média	41
Baixa renda	29

Fonte: Universidade de Fudan, Shangai

vacinas, em especial aos países pobres. A guerra total ao vírus deverá antecipar em cinco anos, para 2028, a escalada da China para o posto de maior economia do mundo, em substituição aos Estados Unidos, segundo a consultoria britânica Centre for Economics and Business Research. Quanto às exportações e doações, elas compõem a chamada “diplomacia da vacina”, canal de facilitação da expansão chinesa no mundo.

Com a expansão do investimento e do comércio chineses, a América Latina tem a oportunidade histórica de sair de seu *status* de “quintal” dos EUA, subir a escada do desenvolvimento e afirmar uma posição de ator-chave em um mundo cada vez mais multipolar, ressalta Kevin P. Gallagher, professor de política de desenvolvimento global na Universidade de Boston, no livro *The China Triangle: Latin America’s China Boom and the Washington Consensus.* Gallagher observa que vários governos latino-americanos não consideram mais necessário se submeter ao consenso neoliberal de Washington ou suportar a dominação dos EUA, “em grande parte porque acreditam ter uma alternativa na China”.

Na virada do século XXI, sublinha o professor, o comércio com a China representava apenas 1% do total da América Latina, ou 12 bilhões de dólares. Em 2013, era de 289 bilhões e atingiu 450 bilhões em 2021. “Talvez o mais notável seja, entretanto, que a China forneceu enormes quantias de financiamento aos governos latino-americanos para projetos de infraestrutura, mineração e energia.” De acordo com Gallagher, a China canalizou mais de 119 bilhões de dólares em empréstimos e linhas de crédito a governos latino-americanos desde 2003. A região acompanhou o *boom* chinês e cresceu a uma taxa anual de 3,6% de 2003 a 2013, em forte contraste com as duas décadas anteriores dominadas pelo consenso de Washington, quando a expansão foi de 2,4% ao ano e a desigualdade aumentou, destaca o especialista.

PAULO NOGUEIRA BATISTA JR.

Lula está errado

▶A situação das contas externas dá margem de manobra na economia

Que economia herdará o futuro presidente? Vamos dizer que seja o Lula. Ele tem dito que pegará, se eleito, um país muito pior do que em 2003, quando chegou à Presidência da República pela primeira vez.

Será verdadeira essa afirmativa de Lula para o campo econômico? Para algumas áreas sim, mas não para todas, e em especial não para uma que é de importância estratégica: a situação das contas externas, crucial para definir a vulnerabilidade do País a pressões estrangeiras. Sem levar esse aspecto na devida conta, não se forma uma avaliação realista das opções que se oferecem a um novo governo.

Em 2002, Fernando Henrique Cardoso deixava a Presidência depois de oito anos no poder. Os resultados na área econômica foram sofríveis, de modo geral. FHC controlou a inflação, sim, mas deixou tudo mais pendurado por barbante. No final, até a inflação já escapava do controle.

A fragilidade externa brasileira, durante o período FHC, de 1995 a 2002, decorria de um substancial déficit em conta corrente, da dependência de capitais externos, da liberalização prematura dos movimentos de capital e do nível reduzido das reservas internacionais. As reservas brasileiras ficaram em torno de 30 bilhões a 35 bilhões de dólares no período 1999-2001. Quando a crise se agravou, em 2002, em parte por causa dos receios da vitória de Lula, o Banco Central estava sem bala na agulha. Não aproveitara os períodos de relativa tranquilidade para reforçar o seu caixa em moeda estrangeira. A solução melancólica foi recorrer mais uma vez ao FMI. Em dezembro de 2002, no fim do governo FHC, as reservas líquidas, deduzidas as obrigações com o Fundo, eram de apenas 17 bilhões.

Como está o quadro hoje? A situação externa do Brasil é muito melhor do que era em 2002. O déficit em transações correntes (balança comercial, serviços e rendas) é pequeno, de 1,7% do PIB em 2021. O investimento direto líquido (descontado o investimento de residentes no exterior), que é uma forma mais estável de capital, cobre a quase totalidade do déficit corrente.

O ponto central é o elevado estoque de reservas internacionais, resultado do esforço de acumulação realizado nos governos Lula e Dilma. Com muita demora, as autoridades econômicas brasileiras começaram a fortalecer as reservas de modo expressivo a partir de 2006 (outros países em desenvolvimento, notadamente na Ásia, começaram muito antes, na década de 1990). Nos governos Temer e Bolsonaro, o nível de reservas ficou estável. Pelo menos nesse ponto não houve estrago no período pós-golpe. No fim de 2021, as reservas estavam em 362 bilhões de dólares. A posição brasileira é muito mais confortável do que a de outros países emergentes, a Argentina e a Turquia, por exemplo.

Não quero, leitor, passar a impressão de que a nossa posição externa é invulnerável. Há pontos de fragilidade. Por exemplo, o que aconteceria com o déficit em transações correntes, que mede a dependência líquida de capitais externos, se houvesse retomada do crescimento da economia, especialmente em combinação com apreciação cambial? Em outras palavras, o déficit ajustado para excluir tanto efeitos cíclicos como uma depreciação cambial talvez exagerada é maior do que o déficit observado.

Outro problema potencial: o que aconteceria com a posição externa da economia no caso de uma redução abrupta da liquidez internacional provocada por um endurecimento da política monetária dos Estados Unidos? Com uma conta de capitais muito aberta, o resultado seria uma forte pressão sobre a taxa de câmbio. O câmbio flutuante confere alguma proteção, livrando o Banco Central de defender determinada meta cambial. As reservas também são uma garantia contra ameaças externas.

Porém, uma depreciação cambial adicional dificultaria o controle da inflação. E as reservas já não são mais o que foram em períodos anteriores. Elas devem ser avaliadas não apenas em termos absolutos, mas também em relação a outros indicadores relevantes. Desde 2015, elas vêm caindo gradualmente relativamente às importações de bens e serviços, em relação a um agregado monetário amplo (M2) e comparadas à dívida externa de curto prazo (por maturidade residual).

Apesar dessas ressalvas, o ponto a reter é que o Brasil, em um aspecto crucial, está em posição consideravelmente melhor do que já esteve – não só em 2002, mas em boa parte das décadas de 1980 e 1990.

Isso confere margem de manobra ao governo brasileiro, atual e futuro. O atual governo não sabe o que fazer com isso. O futuro governo saberá? •

paulonbjr@hotmail.com

BAPTISTÃO

London calling

COMÉRCIO EXTERIOR Em busca de parceiros após sair da União Europeia, o Reino Unido busca novo acordo bilateral com o Brasil

POR WILLIAM SALASAR

Livre das limitações impostas pela União Europeia, o Reino Unido pós-Brexit está em campanha mundo afora por novos acordos comerciais bilaterais que lhe permitam encontrar substitutos para os antigos parceiros europeus – e o Brasil é um alvo preferencial, como indica o apoio britânico à entrada do País na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, assegura a presidente da Câmara Britânica de Comércio e Indústria (Britcham), Ana Paula Vitelli. "Muita coisa já vem sendo discutida no que tange às melhorias e ampliação das oportunidades Brasil-Reino Unido e, nesse sentido, a entrada na OCDE colocaria o País numa posição muito mais competitiva em termos de comércio global", relata Vitelli, em entrevista a *CartaCapital*, da qual também participou a titular do Comitê de Comércio e Investimentos Internacionais da Britcham, Renata Sucupira.

"Temas como mineração, tecnologia, agronegócio e energias renováveis contribuem para a construção de uma pauta geradora de oportunidades para ambos os países", avalia Vitelli, que vê muito espaço para incrementar as relações comerciais e de investimentos entre os dois países, cujo fluxo de comércio é da ordem de 5,3 bilhões de dólares por ano, na média, o que coloca o Reino Unido como 8º parceiro comercial do Brasil e 16º como destino das nossas exportações, embora seja a 4ª economia do mundo.

Sucupira adverte, porém, que, para integrar a OCDE, o Brasil vai ter de eliminar o chamado "efeito jabuticaba", ou seja, a ausência de uniformização de procedimentos. "Tudo no Brasil tem uma coisa que é diferente, uma situação diferente, um tratamento diferente. Isso, eu diria como quem atua no comércio exterior, é o maior impedimento", explica ela. Assim, acrescenta Sucupira, a entrada na OCDE tende a impulsionar reformas como a tributária e a implementação do acordo de facilitação de comércio da Organização Mundial do Comércio para desburocratizar importações e exportações. "O Brasil – insiste ela – precisa oferecer segurança e uniformidade nos procedimentos para a sua inserção nas cadeias globais de valor."

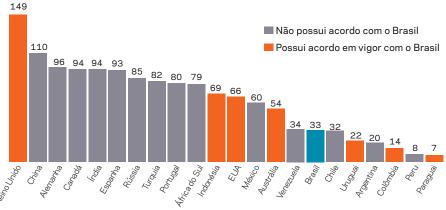
Vitelli chama atenção para a questão da bitributação, como o primeiro passo para qualquer acordo comercial com o Reino Unido, mesmo que seja algo mais modesto do que a pretensão brasileira de um Tratado de Livre Comércio de escopo bem mais amplo do que os britânicos estão propondo. O Brasil é um dos países com menor número de acordos para evitar a bitributação do mundo, com entendimentos envolvendo apenas 33 países, em comparação a 110 da China e 60 do México (como se vê no gráfico). Para os britânicos, a questão principal reside na tributação sobre transferência de tecnologia. "Tecnologia vai ter de entrar (num eventual acordo sobre bitributação), o Brasil vai ter de fazer isso em algum momento, se quiser atrair investimentos para o seu desenvolvimento na área", observa Sucupira.

> O apoio britânico à entrada do Brasil na OCDE é um gesto de boa vontade

Nesta seara, a Câmara tem se debruçado prioritariamente na discussão "mais ampla" da reforma tributária, em vez de aspectos tributários específicos da proposta de acordo comercial Brasil-Reino Unido. O motivo é a relevância da reforma tributária para o ambiente de negócios em geral, não só em termos domésticos, como visando colocar o Brasil num patamar de competitividade global. "As discussões na Câmara têm caminhado nessa linha, de concentrar as ações na reforma tributária, trazendo *stakeholders* (grupos de interesse) para conversas que possam dar encaminhamento mais adequado no sentido de gerar um ambiente de negócios que seja mais competitivo, não só para as empresas que estão baseadas no Brasil, como no de atrair novos investimentos de empresas que têm interesse em vir para o Brasil e, também, de as empresas britânicas instaladas no País aumentarem os fluxos de investimentos aqui", detalha Vitelli.

De qualquer forma, segundo ela, as negociações estão numa fase de "ajustes", envolvendo também questões extratarifárias, como as barreiras não comerciais de acesso ao mercado, a exemplo das restrições fitossanitárias que constituem uma reclamação recorrente do agronegócio brasileiro – o qual, aliás, é responsável por metade das exportações do Brasil para o Reino Unido. Nesse quesito, as dirigentes

FELIPE MARIANO

O maior entrave são as "jabuticabas" da legislação brasileira, diz Vitelli, da Britcham

da Britcham observam que, com a saída de Londres da União Europeia, abriu-se uma possibilidade para se negociarem as barreiras sanitárias de forma mais específica e com maior flexibilidade.

"Abriu-se um novo momento para a discussão de barreiras sanitárias", diz Sucupira, enfatizando que a disposição britânica em relação ao Brasil é muito grande em termos de "flexibilidade do olhar dessas negociações, porque sabemos como isso funciona na União Europeia." Vitelli chama atenção para o fato de que o Reino Unido importa 80% dos alimentos que consome. Como o agronegócio é o carro-chefe comercial do Brasil, a sinergia está posta. "Mas pode aumentar", ressalta a presidente da Britcham, recordando as discussões promovidas com empresas britânicas instaladas no País de temas relativos à questão ambiental, à transição energética, à economia verde, ao agronegócio e à mineração, em consonância com a 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 26) em Glasgow, na Escócia. "Quando promovemos debates e damos espaço para que as empresas que estão conosco exponham as medidas de proteção ambiental e de investimento sustentável que têm adotado, é um papel importante da Câmara para melhorar a imagem do Brasil lá fora", sustenta ela.

As possibilidades para a retomada das economias pós-pandemia, entendem as dirigentes da Britcham, favorecem as negociações, na medida em que os países precisarão explorar todas as oportunidades possíveis de incrementar o comércio internacional. Quanto à perspectiva de troca de governo a partir de 2023, Vitelli entende que a circunstância não afeta as negociações. "Quando se fala em tratados de livre comércio bilaterais, é preciso ter em mente que estamos falando de ações de médio e longo prazo, ou seja, independentemente de eventual troca de governo."

REDE LIMITADA

Número de acordos de bitributação vigentes por país

Fonte: Confederação Nacional da Indústria

Capital S/A

NEGÓCIOS E FINANÇAS EM PÍLULAS

"AUMENTAR A TAXA DE JUROS INDISCRIMINADAMENTE É UM REMÉDIO PIOR DO QUE A DOENÇA"

JOSEPH E. STIGLITZ, Prêmio Nobel de Economia e professor da Universidade de Columbia

O TCU libera a venda Eletrobras

▶ Segundo Vital do Rêgo, a estatal vale 130,4 bilhões de reais, o dobro do valor fixado pelo governo e aceito pelos demais ministros

O Tribunal de Contas da União aprovou a primeira etapa da privatização da Eletrobras por 60 bilhões de reais. Apenas um dos sete ministros votou contra: Vital do Rêgo, que fez dura crítica à modelagem proposta pelo Executivo por ignorar a atuação futura da Eletrobras no mercado de potência, isto é a contratação a longo prazo para atender horários de pico, aviltando o valor final de venda da estatal. Segundo Rêgo, o montante dos novos contratos chegaria a 130,4 bilhões de reais – o dobro do valor final proposto pelo governo e aceito pelos demais ministros. Levantamento do Instituto de Desenvolvimento Estratégico do Setor Elétrico (Ilumina), com dados da alemã Statista, mostra que o preço estipulado pelo governo brasileiro para a venda da Eletrobras chega a ser 15 vezes inferior a similares estrangeiras. A primeira colocada na lista sobre valor de mercado da Statista é a NextEra, do estado da Flórida (EUA), avaliada em 146 bilhões dólares, com 58 gigawatts (GW) de capacidade de geração, empregando 14,9 mil funcionários. A Eletrobras tem 50 GW, opera com apenas 12,5 mil funcionários e atende uma área superior a 40 Flóridas, com população dez vezes maior.

ISTOCKPHOTO, BORIS BALDINGER/WEF E SAULO CRUZ/MME

UM FREIO À ALTA DAS *COMMODITIES*

A Comissão de Desenvolvimento e Reforma do governo chinês convocou as dez principais *tradings* chinesas e internacionais para tratar da estabilização do mercado de minério de ferro. A iniciativa do órgão de planejamento é a mais recente de uma série visando segurar os preços da *commodity*, como inspeções em portos e Bolsas, elevação das taxas cobradas sobre contratos futuros e alerta contra a desinformação.

Inflação pesa o dobro para o pobre

A inflação sentida pelos brasileiros mais pobres foi equivalente a quase o dobro da verificada entre os mais ricos no começo de 2022, aponta estudo mensal divulgado na terça-feira 15 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o Ipea. Em janeiro, a aceleração dos preços atingiu 0,63% para as famílias com renda considerada muito baixa. A inflação para a mais alta renda foi de 0,34%.

Fatiada, Oi vai render 13 bilhões de reais

O fatiamento das redes móveis da Oi entre TIM, Vivo e Claro vai gerar para o trio sinergias de ao menos 13 bilhões de reais, segundo estimativa da Agência Nacional de Telecomunicações obtida pelo *Estadão*. A TIM será a maior beneficiada, com 8 bilhões, seguida por Vivo (4,9 bi). Os números da Claro, parciais, estão na faixa de 270 milhões de reais.

Hora do lanche

Pesquisa do *site* de vendas OLX mostra que a volta às aulas presenciais fez disparar as vendas *online* de material escolar. As lancheiras são as campeãs, com aumento de 368% nas vendas em relação ao ano passado, seguidas das mochilas (309%).

NÚMEROS

16

empresas cancelaram as ofertas públicas de ações (IPOs, na sigla em inglês) neste início de ano

21 bilhões

de reais foi o lucro recorde do Banco do Brasil em 2021, alta de 51,4% em relação ao ano anterior

4,1 milhões

de suspeitas de fraude foram registradas no ano passado pelo Indicador de Tentativas de Fraude da Serasa Experian

600%

cresceu a exportação de games em 2021, para 2,18 bilhões de dólares, informa a Apex Brasil

Negacionismo global

TheObserver Os bloqueios de caminhoneiros antivacina no Canadá desencadeiam ações imitadoras em todo o mundo

POR EMMA GRAHAM-HARRISON E TRACEY LINDEMAN, DE OTTAWA*

Bastaram 70 caminhões e algumas centenas de manifestantes para levar a capital do Canadá a um impasse e fechar uma passagem de fronteira crítica com os EUA, sufocando a indústria de automóveis que funciona entre os dois países e depende de um fluxo de comércio constante. No sábado 12, as autoridades canadenses finalmente começaram a tomar medidas para liberar a Ponte Ambassador, a mais movimentada travessia terrestre da América do Norte, que tinha sido bloqueada por uma dúzia de caminhões e veículos menores e poucas centenas de manifestantes.

A ponte esteve fechada na maior parte da semana, enquanto o centro de Ottawa ficou sob uma espécie de sítio durante mais de duas semanas, bloqueada por multidões reunidas sob a bandeira da oposição às regras sobre a Covid. O protesto misturou queixas genuínas sobre os danos causados pela pandemia com teo-

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 52

Spotify. A gigante do *streaming* impulsiona canções negacionistas em suas *playlists* musicais

rias da conspiração e radicalismo racial. Um punhado de manifestantes apareceu com faixas de Donald Trump e bandeiras dos estados confederados.

O chamado sedutor para um "comboio da liberdade" provocou um improvável movimento global. Em vários países, as forças policiais atuaram para dispersar ou impedir atos semelhantes. Na Nova Zelândia, o presidente do Parlamento, Trevor Mallard, usou um sistema de som tocando canções de Barry Manilow para atacar um protesto em Wellington. Na França, milhares de policiais se espalharam por cabines de pedágio ao redor de Paris para impedir que um comboio chegasse à cidade, e usaram gás lacrimogêneo contra manifestantes na Avenida Champs-Elysées.

"O direito à manifestação e à liberdade de opinião é garantido pela Constituição em nossa República e em nossa democracia, mas o direito de bloquear outras pessoas e impedir que elas vão e venham não é", disse o primeiro-ministro Jean Castex. "Se eles bloquearem o tráfego ou tentarem bloquear a capital, seremos muito rígidos", ameaçou.

Na América do Norte, as autoridades estão traçando planos de longo prazo para lidar com os comboios de caminhões, cujos organizadores aventaram a ideia de tentar impedir eventos como o festival de música Coachella e até o Super Bowl, e discutiram a formação de um comboio da Califórnia até a capital, Washington, D.C.

> O protesto mistura queixas e temores genuínos com teorias conspiratórias e radicalismo racial

Efeito manada. Os "comboios da liberdade" rapidamente se disseminaram para outros países, como a França

THOMAS COEX/AFP E GEOFF ROBINS/AFP

O protesto no centro de Ottawa pode ser mais difícil de desmontar, e as ondas de choque das últimas duas semanas podem ser mais difíceis ainda para a classe política do país se livrar. Os manifestantes são uma pequena minoria em um país que, em geral, apoiou a proteção contra a Covid oferecida pela ciência. O Canadá tem um dos mais altos índices de va-

Missionários. Alguns manifestantes acreditam estar numa "missão heroica"

DAN PELED/GETTY IMAGES/AFP E PIERRE CROM/GETTY IMAGES/AFP

cinação completa do mundo, com mais de 80% da população coberta.

Os caminhoneiros são uma minoria em sua profissão. O sindicato Teamsters Canada, que representa 15 mil motoristas, denunciou "demonstrações de ódio lamentáveis" nos atos, que, segundo ele, não representa "a vasta maioria de nossos membros". Mas os caminhões formam um obstáculo muito mais difícil de remover das ruas congeladas do que as multidões de manifestantes individuais ou veículos menores que a polícia enfrentou antes. Um estado de emergência foi declarado e moradores moveram um processo legal contra os manifestantes.

A polícia tenta sufocar o grupo mantendo suprimentos de comida e combustível fora da zona principal do protesto. Um banco congelou seus fundos e dois *sites*, o GoFundMe e o GiveSendGo, fecharam sua coleta de dinheiro. Mas vários manifestantes disseram ao *Observer* que os direitos que eles estão defendendo valem qualquer golpe financeiro.

Rebecca, que não quis revelar seu sobrenome, mora perto dos protestos e adere a eles regularmente. Ela está em licença não remunerada de seu emprego no governo há meses, depois que seu pedido de isenção da vacina por motivos religiosos foi negado. "Sou ativista dos direitos humanos. Não acho que as vacinas devam ser obrigatórias para as pessoas conservarem o emprego. Esse é o motivo principal pelo qual estou aqui."

Esse sentido de missão heroica, alimentado por grupos conspiracionistas como a QAnon, pode tornar esses protestos muito mais difíceis de terminar do que manifestações por demandas políticas específicas. "(*Eles acham*) que estão aqui para salvar vocês, tornaram-se heróis em sua própria história", observa Amarnath Amarasingam, professor associado na Universidade da Rainha em Ontário, especializado em movimentos sociais e extremismos. "Não acho que seja um desafio por motivos de segurança, de ameaça terrorista. Mas tem impacto sobre quanto tempo vai durar, porque não é simplesmente algo que você possa negociar e dizer 'está bem, a obrigatoriedade vai acabar, já podem ir para casa'."

A natureza dos protestos impôs um desafio político inédito às autoridades, segundo Scot Wortley, professor de criminologia na Universidade de Toronto. "Talvez a coisa mais próxima que tivemos disso seja o levante de 6 de janeiro nos EUA". A insurreição em Washington é um lembrete de como as teorias da conspiração na internet podem irromper na realidade política da corrente dominante e modificá-la permanentemente. Lá, assim como no movimento de protesto canadense, a multidão incluía defensores do QAnon. Nos primeiros dias do protesto em Ottawa, a autoproclamada "rainha do Canadá" da conspiração extremista, Romana Didulo, queimou uma bandeira do país diante do Parlamento. Antes, ela pediu o extermínio de pais que vacinaram seus filhos.

Os protestos canadenses deram uma plataforma perturbadora a uma série de outras opiniões sombrias e marginais, amplificadas por preocupações genuínas. "O comboio da liberdade representou uma mistura de questões reais, imaginárias e exageradas, unidas por um senso comum de alienação e queixas", escreveu em um artigo do jornal *Globe and Mail* Daniel Panneton, pesquisador do ódio *online*. "(*Ele*) incluiu uma série variada de separatistas ocidentais, antivacina, teóricos da conspiração, antissemitas, islamófobos e outros extremistas. Isso não foi surpresa para ninguém que estivesse prestando atenção: vários dos organizadores

do comboio têm um histórico de ativismo nacionalista branco e racista."

Os organizadores do comboio citados em um processo legal coletivo por moradores de Ottawa dizem que suas vidas foram extremamente perturbadas. Entre eles, figuram Tamara Lich, que até recentemente exercia uma função num partido separatista, Pat King, teórico da conspiração que compartilhou *slogans* racistas, e Benjamin Dichter, produtor de *podcast* que foi processado por disseminar insultos contra muçulmanos.

Mesmo que as poucas placas de Trump e bandeiras confederadas tenham chamado atenção da imprensa, é a bandeira canadense que se tornou o símbolo do movimento. A folha de bordo vermelha está pintada na lateral dos caminhões, estampadas em bonés e carregadas nas mãos de crianças. O país tem seus próprios extremistas. "Tenha cuidado ao divulgar que este é um movimento financiado ou organizado por estrangeiros. Este movimento de ocupação é canadense, formado por canadenses, organizado por canadenses", tuitou a Rede Canadense Contra o Ódio.

Scott, que possui uma empresa de equipamento agrícola perto da cidade e não quis revelar seu sobrenome, disse que veio observar os protestos com seu filho. Ele não apoiava a decisão de paralisar Ottawa, mas tinha preocupações sobre a ordem de vacinação do governo. Ele discorda dos manifestantes agora, principalmente porque diz que o bloqueio está desviando a atenção de sua causa principal. "Não aprovo eles estarem no centro da cidade com seus caminhões. Acho que, você sabe, a mensagem subjacente foi desacreditada e afastada para o lado."

Na Nova Zelândia, um manifestante chegou a desenhar uma suástica nazista em uma estátua

Líderes de todo o mundo tentam equilibrar a necessidade de combater o extremismo que o movimento dissemina com o reconhecimento de que seus líderes tocam medos e tristezas muito reais. Emmanuel Macron pediu que os participantes do comboio francês fiquem calmos, dizendo que ele "ouviu e respeita" o descontentamento causado pela crise sanitária. "Todos estamos cansados do que vivemos nos últimos dois anos. Esse cansaço se manifesta de maneiras diferentes: para alguns em confusão, para outros depressão. E, às vezes, o cansaço manifesta-se na forma de raiva." E acrescentou: "Sempre mantivemos o direito de protestar".

Na Nova Zelândia, um comboio de mil manifestantes, que se reuniu no gramado do Parlamento e nas ruas ao redor na terça-feira 8, tinha se reduzido a algumas centenas de pessoas três dias depois. Elas afirmavam que não sairiam até que a primeira-ministra, Jacinda Ardern, se comprometesse a eliminar a obrigatoriedade da vacina. Mas, assim como no Canadá, a vacina parecia servir de cavalo de batalha para um leque de outras queixas. Em certa altura, um manifestante desenhou uma suástica numa estátua e outros picharam "enforquem-nos" na escadaria do Parlamento. A ameaça de esta retórica explodir em violência foi reconhecida pelos serviços de contraterrorismo do país em novembro.

O professor Grant Duncan, especializado em política na Universidade Massey, disse que preocupações legítimas sobre a vacina estavam se perdendo no pântano da conspiração e da linguagem abusiva. "É particularmente surpreendente, na verdade, ver as retóricas de Trump e do QAnon misturadas com bandeiras da independência maori, é uma justaposição perturbadora", avalia. Em uma rara exibição de unidade, nenhum político saiu ao encontro dos manifestantes, o que, segundo Duncan, mostrou que tanto o Parlamento quanto o povo da Nova Zelândia em geral deram "quase zero de apoio a esse protesto. Esta é uma minoria ruidosa". •

Minoria ruidosa. A desvantagem numérica não mina o ímpeto dos antivacina

**Colaboraram Eva Corlett, de Wellington, e Kim Willsher, de Paris.*

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

No embalo das *fake news*

TheObserver Músicas que negam a pandemia ou chamam a vacina de "veneno" são ativamente promovidas pelo Spotify

POR SHANTI DAS

Canções que afirmam ser *fake* a Covid-19 e descrevem as vacinas como "veneno" estão sendo ativamente promovidas para os usuários do Spotify em *playlists* geradas por seu motor de recomendação de conteúdo. Faixas encontradas no maior serviço de *streaming* musical do mundo incentivam explicitamente as pessoas a não se vacinarem e dizem que as que o fizerem são "escravas", "carneiros" e vítimas de Satã. Outras pedem uma rebelião, dizendo aos ouvintes: "Lutem por suas vidas". "Eles enganaram o mundo inteiro com os testes PCR. A polícia do pensamento está patrulhando. Você não vê o que está acontecendo?", diz a letra de outra, acrescentando: "A coisa toda acaba quando o povo se levantar".

O Spotify removeu no último fim de semana várias das canções indicadas ao serviço pelo *The Observer*, a burlar as regras que proíbem conteúdos que promovam informações "perigosas, falsas ou enganosas sobre a Covid-19" e possam representar ameaça à saúde pública. Antes de serem retiradas, as canções podiam ser facilmente encontradas usando palavras-chave na máquina de buscas do Spotify. Mas elas também eram promovidas ativamente aos usuários que manifestassem interesse por canções semelhantes através de *playlists* geradas automaticamente, potencialmente levando-as a um público muito maior.

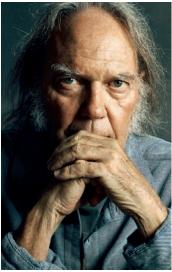
Um usuário que escutou uma canção antivacina recebeu uma *playlist* personalizada, conduzindo-o a músicas ainda mais radicais. Das 50 faixas dessa lista, 19 incluíam referências explícitas à desinformação sobre vacinas e Covid, incluindo afirmações de que a vacina está sendo usada para aplicar microchips nas pessoas. Algumas faziam referência a outras teorias da conspiração, incluindo alegações de que pedófilos satânicos dirigem o mundo e que o tiroteio na escola Sandy Hook nos Estados Unidos, que matou 26 pessoas, foi uma farsa.

Entre os artistas cujo conteúdo foi recomendado a usuários estava o *rapper* Edward Freeman, conhecido como Remeece, que ganhou manchetes no Reino Unido depois de percorrer escolas gritando seu hino contra as vacinas para os alunos. A letra da canção *Don't Tek Di Vaccine* diz repetidamente "não tome essa coisa maldita" e descreve a vacina como um "veneno". Remeece visitou escolas primárias e secundárias em Londres, na Cornualha e em Bournemouth, segundo vídeos postados no Instagram. Em dezembro, apresentou a canção em um protesto com Piers Corbyn, figura-chave no movimento antivacina britânico.

> Por meses, a gigante do *streaming* ignorou os alertas de um pai preocupado com as canções negacionistas do *rapper* Remeece

O Spotify há muito está consciente de que hospeda o conteúdo do *rapper*, denunciado à plataforma por um pai preocupado em novembro, segundo *e-mails* vistos pelo *Observer*. Seu material continuava ao vivo sem qualquer aviso de conteúdo até a semana passada. As descobertas provocaram debate sobre a condução da desinformação pela gigante do *streaming*, com críticos pedindo que a plataforma e outros serviços com conteúdos semelhantes sejam considerados pelos mesmos critérios que as plataformas de rede social como Facebook e Instagram.

Com mais de 180 milhões de usuários, o Spotify enfrentou recentemente críticas sobre sua relação com o *podcaster* Joe Rogan, contratado em acordo de exclusividade por supostos 100 milhões de dólares. Vários artistas, incluindo Neil Young e Joni Mitchell, pediram que seus respectivos conteúdos fossem removidos do Spotify, em protesto contra o suposto papel de Rogan na disseminação de desinformação sobre a Covid-19, e 270 médicos e cientistas, profissionais de saúde e professores americanos escreveram à plataforma chamando Rogan de "ameaça à saúde pública".

Convidados em seu *podcast The Joe Rogan Experience* incluíram Robert Malone, um polêmico pesquisador de doenças infecciosas que participou do desenvolvimento da tecnologia da vacina de RNA mensageiro, mas depois foi acu-

Conivência. "Não tome essa coisa maldita", cantou Remeece na porta de escolas. Irritado com a inércia da empresa, Neil Young decidiu abandonar a plataforma

sado por espalhar desinformação sobre o imunizante. Em resposta a essas críticas, o Spotify deletou vários episódios e publicou novas regras, dizendo aos que enviam conteúdo para evitarem dizer que a Covid é uma farsa e disseminar desinformação contra as vacinas. Ele também disse que acrescentará avisos de conteúdo a episódios de *podcast* que falem sobre a Covid-19.

No entanto, as canções contra as vacinas, que contêm letras muito mais radicais do que esses *podcasts*, não trazem advertência de conteúdo. Em alguns casos, o algoritmo dirigiu os ouvintes para conteúdos com baixo número de execuções, potencialmente ampliando o alcance de desinformação que do contrário teria um público limitado. Muitas dessas canções tinham títulos contendo palavras-chave como "vacina" e "máscara", sugerindo que seria fácil para o Spotify localizá-las, se quisesse.

Imran Ahmed, executivo-chefe do Centro de Oposição ao Ódio Digital, grupo que monitora a desinformação e o conteúdo prejudicial *online*, disse que o material identificado continha "desinformação não científica, provavelmente falsa", incentivando os ouvintes a recusarem as vacinas que podem salvar vidas. "O Spotify não está apenas hospedando e lucrando com desinformação perigosa, como também seu algoritmo está ativamente conectando peças separadas de desinformação perigosa e embalando-a para os ouvintes", alerta. "Depois da polêmica sobre Joe Rogan, muito se falou sobre a suposta posição dura do Spotify contra a desinformação sobre Covid. Parece que a verdade é o contrário."

O Spotify removeu outros tipos de conteúdos danosos de sua plataforma que foram considerados avessos às suas políticas. Em dezembro, depois de uma investigação da Sky News, ele retirou quase 150 horas de conteúdo que disse violarem sua política de conteúdo de ódio, incluindo material antissemita, racista e da supremacia branca em *podcasts*.

Em 2020, uma investigação da BBC levou o Spotify e outras plataformas, incluindo Apple Music, YouTube Music e Deezer, a removerem conteúdos racistas, antissemitas e xenófobos. Um trecho de um discurso de Hitler, com pedidos para os "arianos" fazerem um recomeço do zero e referências ao poder branco, foi encontrado em canções no serviço de *streaming*. Mas a empresa ainda não disse se pretende acrescentar avisos de saúde a canções que mencionam a Covid-19. "O Spotify proíbe ações na plataforma que promovam conteúdos perigosos, falsos ou enganosos sobre a Covid-19, que possam causar danos *offline* e/ou representem ameaças diretas à saúde pública. Quando são identificados conteúdos que violam esses critérios, tomam-se medidas apropriadas", limitou-se a dizer um porta-voz. •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Os pés da glória

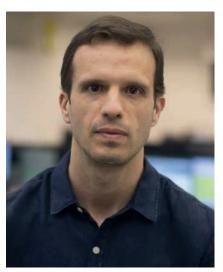
FUTEBOL Esta, no Brasil, é uma história sempre mal contada. As exceções resultam da prática correta do jornalismo. Como se dá com André Kfouri, seu pai, Juca, Trajano e poucos mais

POR MINO CARTA

Este enredo poderia ser acompanhado pela câmera de Stanley Kubrick. Mas no seu *Paths of Glory*, no Brasil intitulado *Glória Feita de Sangue*, de 65 anos atrás, não se cogita de eventos futebolísticos. A palavra *path* significa sendas, caminhos.

O Brasil está a discutir com extraordinário empenho um torneio de futebol já obsoleto. Ou seja, o que os nossos locutores costumam chamar de título mundial. Com absoluta tranquilidade dá para dizer que o título em questão já deixou de ser aquele. Havia sentido na disputa quando os finalistas realmente representavam o melhor bolípodo nos seus respectivos países e talvez continentes. Isto, francamente, é coisa do passado. Hoje é até problemático entender por que a disputa tem de forçar viagens intermináveis. Por exemplo: até o outro lado do mundo?

André Kfouri, filho do maior jornalista do Brasil na matéria e outras mais, o Juca, de quem me lembro desde as eras mais priscas, acaba de dar uma aula na televisão, com a providencial interferência do meu vídeo. Conheço André desde o tempo em que era adolescente. Recordo, na companhia de Sócrates, um dos maiores craques brasileiros e meu amigo também, em uma festa celebrada por razões que, confesso, esqueci. Está gravada, de todo modo, a expressão firme e honesta de André.

Hoje o encaro no momento em que surge como um professor do melhor jornalismo. Ele comenta o grande assunto do momento, o jogo estranhamente japonês entre o Chelsea londrino e o Palmeiras do Parque Antártica. Praticamente, diz o seguinte: a vitória dos ingleses eram favas contadas, são melhores de todos os pontos de vista e as razões já foram expostas de mil maneiras. Provavelmente, no embate direto, o Chelsea ganharia sempre, pela mais simples das razões: é melhor. Inútil, e mesmo patético, insistir do lado oposto. Às vésperas do jogo, o tom geral das previsões dizia o contrário.

Destemido professor do melhor jornalismo

O Palmeiras do Abel Ferreira tinha condições de arrumar surpresas.

Um dos jornalistas visitantes, na minha sala de estar, chega a vaticinar um resultado de 5 a zero. A favor do Palmeiras deste Abel a não ser confundido definitivamente com qualquer Caim. Depois do jogo, o tom realmente mudou e aumentou o número de comentaristas dispostos a admitir que a vitória foi plenamente justificada, embora sempre tenha um ou outro de péssimo humor. O próprio papa nos recomenda bom humor como fator indispensável a uma vida bem-sucedida, senão totalmente feliz.

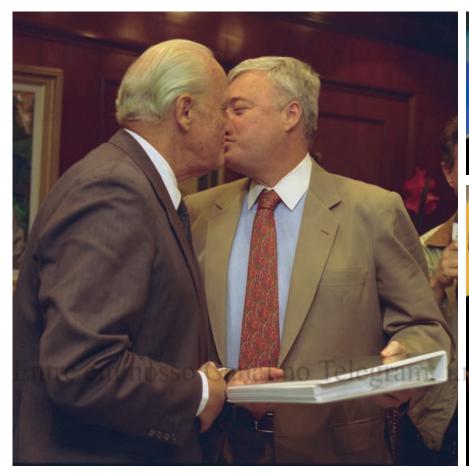
Deste bom humor participa André Kfouri, incapaz de palavras agressivas, menos ainda raivosas. Trata-se, simplesmente, de uma demonstração de como um jornalista autêntico comenta um fato do esporte com independência soberana e paz interior. A ele, certamente, Kubrick entregaria o papel de Kirk Douglas, a enfrentar a prepotência dos generais.

Outro jornalista esportivo avança nesta circunstância, José Trajano, diante de quem sustentei tranquilamente que a seleção italiana de Paolo Rossi era melhor do que aquela do Telê Santana, derrotada por três implacáveis gols do Bola de Ouro da vez, o próprio Paolo, capaz de façanhas inesquecíveis. Falei e disse, em momento algum Trajano me interrom-

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 64

Fotografia. Sebastião Salgado exibe o resultado de 48 expedições à Amazônia

CECÍLIA ACIOLI/FOLHAPRESS, THEMBA HADEBE/AFP, ZAKARIA ADBELKAFI/AFP, EDILSON DANTAS/AGÊNCIA O GLOBO E HIPÓLITO PEREIRA/ESTADÃO CONTEÚDO

peu e, se bem lembro, de muitos pontos de vista, concordou comigo.

Não costuma aparecer nos comentários dos cronistas pátrios qualquer referência, por mais tênue, à quadrilha nativa que comandou por longos anos o futebol mundial diretamente dos gabinetes da Fifa. Refiro-me a João Havelange, Ricardo Teixeira, José Maria Marin. Há momentos épicos na trajetória desses senhores e pergunto aos meus botões e chuteiras onde e quando atingiram a perfeição.

Ouço o ruído ciciante do contato entre os cravos, e não são flores, com o relvado do jogo. A tarefa é das mais difíceis, mas não posso esquecer o juiz Byron Moreno convocado, em 2002, para dirigir um jogo da seleção italiana em que conseguiu expulsar a vítima de uma penalidade máxima e, ainda assim, insatisfeito, expulsou o alvo da sua punição ao alegar simulação. Também pudera, o *referee* equatoriano era traficante de drogas de longo curso e tudo faria para a felicidade dos nossos irmãos metralha. Diga-se que a corrupção não foi apenas um fenômeno brasileiro. Quando Michel Platini, celebrado como craque sublime, comandou o futebol europeu, ele não deixou por menos e portou-se à altura das mais apuradas tradições nacionais.

Imagens candentes dos irmãos metralha nativos, do dedicado discípulo Joseph Blatter e do craque Platini, capaz de enterrar na meia-idade glórias dos seus pés mágicos

No caso, seria inútil qualquer tentativa de comparar a ladroagem europeia com a brasileira, no fundo todos candidatos às penas do Inferno de Dante. Muito eficazes os nossos metralhas: criaram um aluno impecável chamado Joseph Blatter, dotado da mais suave expressão helvética na hora de praticar o mal com a certeza do dever cumprido. A corrupção é um vegetal que em se plantando dá. E no assunto somos mestres. •

A onda *queer* chega à MPB

ENTRETENIMENTO As redes sociais têm fortalecido a presença de artistas *gays*, *trans* e *drag queens* no cenário musical

POR SÉRGIO MARTINS

No início de 2020, o gaúcho Filipe Catto era mais um dos muitos artistas brasileiros a criar *lives* para atenuar a sensação de desespero causada pela pandemia. Mas, certa noite, ao se preparar para uma delas, ele maquiou-se, colocou um batom vermelho e o que viu no espelho foi uma mulher.

"Foi o momento em que pensei: 'Esta sou eu'. Porque sempre me vi como uma menina vestida de menino", diz Catto, que adotou de vez o artigo feminino. É a Filipe Catto e se define como uma pessoa *trans* não binária. O termo refere-se a todos os que não pertencem a um único gênero.

A mutação foi estampada em *O Nascimento de Vênus Tour*, lançado em dezembro. O disco é o registro ao vivo da turnê de *CATTO*, seu último álbum de estúdio, de 2017, que alia canções de sua autoria, em parcerias com Moska e Fabio Pinczowski, com *hits* do pop, como *Eva*, versão de 1983 do Rádio Táxi para o sucesso de Giancarlo Bigazzi e Umberto Tozzi.

Filipe Catto faz parte de um movimento que tem crescido a olhos vistos no *showbiz* brasileiro: a presença da comunidade LGBTQIA+, que quase sempre une a criação artística à militância.

Há os homens *gays*, como Johnny Hooker e Chameleo, as *trans* Filipe Catto, Liniker, Assucena, Raquel Virgínia e Isis Broken, as *drag queens* Pabllo Vittar e Gloria Groove e a travesti Linn da Quebrada. Embora ignorados pelas rádios, esses artistas encontraram outros meios de divulgar seu trabalho e ganhar um público fiel.

"As redes sociais arrombaram as portas do preconceito e as minorias viraram o jogo", diz Zé Pedro, proprietário da gravadora Joia Moderna. Muitas delas, aliás, ganharam espaço no chamado *mainstream*. Pabllo surgiu no programa de variedades *Amor & Sexo*, da Rede Globo, sete anos antes de iniciar uma carreira de sucesso, que incluirá até uma apresentação no Coachella 2022, badalado festival norte-americano de música *pop*.

Gloria Groove sagrou-se campeã em um *show* de calouros estilizado, também na Globo, em 2021, e na semana passada lançou o álbum *Lady Leste*. Linn está na atual edição do *Big Brother*. Liniker é protagonista de *Manhãs de Setembro*, série da Amazon Prime.

> O escritor João Silvério Trevisan classifica-os como geração da estética desmunhecada

Renato Russo, um dos primeiros roqueiros a assumir sua bissexualidade, dizia que era muito difícil fazer isso em um país como o Brasil. E era verdade. Contavam-se nos dedos os artistas da MPB e do pop que expunham a orientação sexual.

As intérpretes do sexo feminino, por exemplo, adotavam uma aura de mistério até que, em 2005, a cantora Ana Carolina falou abertamente de sua bissexualidade. Os artistas do sexo masculino também costumavam ser discretos, ainda que houvesse alguém como Ney Matogrosso, um marco na liberação de gênero desde o Secos & Molhados.

O *showbiz*, hoje, é representado por aquilo que o escritor militante João Silvério Trevisan classifica como geração da "estética desmunhecada". "Na música popular do início do século XXI, chegou-se a um notável projeto de superação. Do *gay* disfarçado e bem-comportado de antes eclodiu o fenômeno que se poderia chamar de *trans-gay* ou *trans*-viada, levando em conta uma expressividade assumidamente afetada e performática. Sua peculiaridade nasceu de uma escolha pela desmunhecação como estilo de compor, cantar e se expressar", escreveu ele no livro *Devassos no Paraíso*.

Há de se considerar também, no contexto geral, alguns avanços do País. Em 2011, o Supremo Tribunal Federal reconheceu, por unanimidade, a união estável de duas pessoas do mesmo sexo como entidade familiar. Sete anos depois, reconheceria que todo cidadão tem o direito de escolher como quer ser chamado. Ou seja, pessoas *trans* podem alterar nome e sexo no registro civil.

Essa luta fazia parte do cotidiano de Assucena e Raquel Virgínia, cantoras *trans*

DAGUITO RODRIGUES, REDES SOCIAIS E ARTHUR WOLKOVIER

LGBTQIA+. Fillipe Catto (*acima*), Gloria Groove (*à esq.*) e Johnny Hooker *(abaixo)* são alguns dos cantores a misturar arte e militância. Todos encontraram o sucesso por meio de caminhos paralelos aos das rádios

do grupo As Baías, que se desfez em setembro de 2021. “A gente entendeu a transgeneridade como luta”, diz Assucena. Hoje em carreira solo, ela lançou o *single Parti do Alto,* uma crítica ao patriarcado e ao machismo embalada por uma mistura da sonoridade eletrônica dos anos 1980 com samba. Para este ano, a cantora, que realizou homenagens a Gal Costa e Elis Regina, prepara um álbum de canções autorais.

O discurso é sempre acompanhado por uma sonoridade consistente. Assucena é uma intérprete delicada, que traz na voz referências à Gal dos anos 1970, ícone que também marca presença na música de Filipe Catto. Liniker bebe na fonte da *soul music,* que também se faz presente na música da Gloria Groove, ainda que ela seja um pouco mais identificada com o *hip-hop.*

Discurso “A gente entendeu a transgeneridade como luta”, diz Assucena. Em *Parti do Alto,* ela faz uma crítica ao patriarcado

Pabllo Vittar une música eletrônica a gêneros como lambada e forró. Pabllo é produzida por Rodrigo Gorky, que aprimora esse talento em sua outra descoberta, a *trans* Urias. *Fúria,* estreia da cantora e modelo, é uma compilação de baladas e canções para a pista, enriquecidas por sua voz de contralto. “A música chega às pessoas de maneira mais direta que um texto”, diz Gorky.

Nesse caldeirão, *Lady Leste,* de Gloria, surge como um trabalho ambicioso. Produzido pela dupla Pablo Bispo e Ruxell, o disco espelha a sonoridade da Zona Leste paulistana, onde os ritmos populares se casam – do *rap* ao sambão, do *rock* ao arrocha (produto típico da Bahia), passando pela música eletrônica.

“Sempre quis criar uma música que soasse *pop,* mas tivesse o cerne no *underground.* A gente criou então um *underpop,* que tem uma essência alternativa revestida por uma linguagem acessível”, explica Bispo. “O disco é dividido em quatro partes, cada uma falando da vida da Gloria: *funk,* música brasileira, *hip-hop* e *rock*”.

O pernambucano Johnny Hooker carrega nas composições informações musicais que vão do cancioneiro brega dos anos 1970 ao *pop* despudorado de Madonna. Seu novo trabalho, ainda sem nome, é baseado em *Orgia – Os Diários de Tulio Carella,* obra dos anos 1960 que conta história passada no Recife no período pré-ditadura. “É um álbum dividido em três atos, que começa na noite, passa pelo verão e acaba no fundo do poço que estamos vivendo, com essa sombra do fascismo que paira sobre nossas cabeças”, define.

> **A militância pela diversidade vem acompanhada de uma grande mistura musical**

A despeito do sucesso, a ascensão desses artistas ainda encontra resistência. “Vivemos num país conservador, que não consegue entender a pessoa *trans.* Quando ia ao banheiro, pedia para que minhas amigas me acompanhassem para não sofrer preconceito”, conta Assucena. “Perdi as contas do quanto fui xingada na rua. E sei que o lugar que ocupo é muito pequeno perto do que eu poderia ser”, diz Catto.

A sensação de que, se não fossem LGBTQIA+, poderiam ter mais sucesso é comum a quase todos. “Tenho de me esforçar em dobro para provar a minha qualidade e lançar música muito boa para chegar perto de onde eu deveria estar”, reflete Urias, que em muitas faixas do álbum de estreia trata do preconceito. “Artistas do LGBTQIA+ têm hoje um espaço melhor, mas que é fruto de muita luta. Me sinto como se tivessem jogado a gente numa ilha deserta e tivéssemos de nadar para chegar até a praia”, define Gorky.

“Minha geração, assim como as anteriores, carregou a vontade de brigar por essa mudança estrutural, ainda mais depois do milagre de termos vivido governos minimamente progressistas”, afirma Hooker. “Mas não me iludo. Sei que, como Caetano diz, ‘aqui tudo parece que era ainda construção e já é ruína’.” •

FERNANDA TINE

ARTHUR CHIORO

A pandemia do erro

▶ O Brasil tem desconsiderado a "janela de oportunidades" representada pelas novas ondas de Covid-19 nos países do Hemisfério

Desde que surgiu, a Covid-19 tem se caracterizado por um comportamento inusitado, que afronta consensos científicos e técnicos até então estabelecidos e exige de gestores, cientistas e profissionais de saúde um enorme esforço para atualizar e qualificar rapidamente as práticas destinadas ao cuidado dos enfermos e de saúde pública. Neste cenário de incertezas, duas tendências inaceitáveis se repetem no País desde fevereiro de 2020, quando se registrou o primeiro caso da doença.

A primeira é desconsiderar a "janela de oportunidades" que a antecipação da ocorrência dos eventos nos países do Hemisfério Norte em 30 a 45 dias nos proporciona. Se tivéssemos aproveitado para compreender melhor as tendências epidemiológicas e a eficácia das práticas de controle utilizadas para enfrentar a Covid-19, poderíamos ter poupado milhares de vidas no Brasil, antecipando a adoção de medidas exitosas ou descartando as ineficazes ou mesmo deletérias. A segunda é a reiterada postura do governo federal em protelar ou boicotar a adoção de medidas que poderiam proteger os brasileiros.

Ao final de novembro de 2021, quando se observou a explosão de casos pela Ômicron no Hemisfério Norte, era possível prever que, em 30 a 45 dias, sofreríamos o mesmo impacto. Foi possível identificar, a partir do que ocorria nesses países, que a Ômicron se portava como uma espécie de "Covid 2.0", com carga viral extremamente alta, maior infectividade, períodos de incubação e de transmissão mais curtos e com menos sintomas, diferentes e que apareciam mais rápido.

A maior infectividade da variante resultou em graves problemas sanitários e sociais, com a elevação de afastamentos no trabalho e sobrecarga da rede de saúde, tanto pelo aumento de demanda como pela infecção e afastamento de grande número de profissionais de saúde.

Outras observações importantes já se enunciavam e poderiam ter sido utilizadas para orientar as ações no Brasil.

Percebeu-se muito rapidamente que a Ômicron afetava os menores de 18 anos e, em particular, as crianças menores, até então poupados. Por outro lado, ficou absolutamente comprovada a eficácia das vacinas, já que mais de 90% dos casos graves, que resultaram em internações e óbitos, ocorreram entre os não vacinados. A curva de óbitos, graças à cobertura vacinal, não acompanhou a tendência explosiva da curva de casos anteriores.

Diversas ações poderiam ter sido adotadas de forma ágil, coordenada, com base na simples observação do que ocorria em outros países. Quando a Ômicron chegou, estávamos novamente despreparados. Não tínhamos testes e insumos suficientes. A rede de saúde, desprevenida, operou sobrecarregada. Os leitos de UTI para Covid estavam desativados e tardaram a ser operacionalizados.

O mais grave é que perdemos a oportunidade de intensificar a cobertura vacinal. O ministro da Saúde lançou, no início de dezembro, uma absurda "consulta pública" para protelar a vacinação das crianças, já avalizada pelos especialistas e aprovada pela Anvisa.

Atualmente, 71,3% da população possui protocolo vacinal completo (dose única ou duas doses) e 10,3% recebeu uma dose. Isso significa que mais de 61 milhões de brasileiros, o que equivale à população da Argentina e do Chile, estão ainda vulneráveis. Esse grupo não se constitui apenas de negacionistas convictos, dispostos a morrer por uma causa absurda. A maioria é composta de crianças e idosos, muitos com comorbidades, pobres e com baixa escolaridade, que sem a adoção de uma vigorosa política de comunicação e educação em saúde fica refém de *fake news* ou desconsidera a importância de superar medos e receios em relação aos possíveis riscos e efeitos colaterais da vacina, ainda que esta seja uma poderosa arma de prevenção de casos graves e óbitos contra a Covid.

Mais do que proteção individual, o maior objetivo da imunização em massa é proporcionar a prevenção coletiva, que só ocorre quando se obtêm elevados níveis de cobertura vacinal . Isso deveria se constituir em uma obsessão nacional.

A falta de um líder comprometido à frente da Presidência da República e de um ministro da Saúde capaz de coordenar a resposta brasileira à Covid nos levou a essa tragédia, que ceifou mais de 640 mil vidas.

A onda da Ômicron começou a regredir também no Brasil, mas a pandemia de Covid-19 não acabou. O Coronavírus é recombinante e tem grande potencial de gerar novas variantes. Ainda é baixa e extremamente desigual a cobertura vacinal em escala global. Apenas 10,6% da população dos países pobres já recebeu pelo menos uma dose de vacina. Enquanto esse padrão de iniquidade persistir, não haverá segurança sanitária e novas variantes continuarão nos ameaçando. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

Hollywood em maus lençóis

TheObserver O Festival de Sundance mostra que a escalação de mulheres jovens para contracenar com atores mais velhos começa a ser mal vista na indústria

POR WENDY IDE

É uma questão polêmica. O romance entre pessoas de idades diferentes, com a escalação de um ator mais velho e de uma atriz bem mais jovem, durante muito tempo aceita como norma em Hollywood, enfrenta cada vez mais críticas do público. Alguns cineastas começaram, inclusive, a reagir.

No Festival de Sundance, realizado no mês passado, a diferença de idades em relacionamentos amorosos foi um tema recorrente. Mas, em vez da abordagem tradicional, o que se viu foi uma ênfase analítica sobre esse tema.

A inversão dos papéis de gênero apareceu em *Good Luck to You, Leo Grande* (*Boa Sorte, Leo Grande*), no qual Emma Thompson, de 62 anos, contracena com Daryl McCormack, de 29, e no ganhador do prêmio do público, *Cha Cha Real Smooth,* que explora a atração entre um jovem estudante egresso da faculdade e uma divorciada de 30 e poucos anos, interpretada por Dakota Johnson.

Outros filmes, como o poderoso, embora exaustivo, *Palm Trees and Power Lines* (*Palmeiras e Cabos de Força*) ou *Sharp Stick* (*Pau Afiado*), de Lena Dunham, tratam das realidades do desequilíbrio de forças entre uma mulher jovem e um homem muito mais velho. Uma coisa é certa: a discussão sobre diferença de idades nas telas não está terminando.

Ao contrário. Se levarmos em conta as reações polarizadas a *Licorice Pizza* (em cartaz no Brasil desde a quinta-feira 17), de Paul Thomas Anderson, a conversa, amplificada pelo fato de ocorrer, sobretudo, nas redes sociais, só deverá se tornar mais acalorada. Ao trocar os papéis tradicionais da diferença de idades, *Licorice Pizza* mostra-se desafiadoramente não convencional.

"Você acha estranho eu sair com Gary e seus amigos de 15 anos o tempo todo?", pergunta a personagem de 25 anos de Alana Haim nessa ágil comédia californiana sobre amadurecimento. A irmã dela encolhe os ombros, sem se comprometer. "Eu mesma acho estranho sair com Gary e seus amigos de 15 anos."

> **Parte do público parece ter deixado de tolerar o tradicional retrato da diferença de idade nas telas**

GENESIUS PICTURES/ALIGN E UNIVERSAL/MGMSOFÁ) E UNIVERSAL/MGM

Uma minoria considerável do público concordaria com ela. No centro do filme, se não existe exatamente um romance entre um adolescente e uma mulher pelo menos dez anos mais velha, certamente há uma atração mútua. Atração que, dependendo de sua leitura da questão fantasia *versus* realidade que paira sobre as cenas finais do filme, pode ou não culminar em um beijo e uma declaração de amor.

Anderson, falando ao *The New York Times*, minimizou a importância da diferença de idades. "Não há um limite que é infringido, e não há nada além das intenções certas. Eu ficaria surpreso se houvesse algum tipo de confusão sobre isso. (...) Não há um osso

Passos. *Licorice Pizza (abaixo)*, em cartaz no Brasil, inverte os papéis. Em *Good Luck To You, Leo Grande* (*à esq.*) Emma Thompson, 62 anos, contracena com Daryl McCormack, de 29

de provocação no corpo desse filme."

A última declaração soa um pouco vaga, diante das críticas mais veementes de que *Licorice Pizza* é pouco mais que uma publicidade de pedofilia com uma linda fotografia. Suspeitamos que Anderson estivesse sendo um pouco ingênuo nas afirmações: certamente, a ideia de trazer a diferença de idades para o primeiro plano da história foi criar um certo grau de desconforto.

Anderson, afinal de contas, é um cineasta que fez carreira colocando-se na pele de uma série de perdedores falidos, dos quais a personagem de Haim é apenas a última. Que ela seja atraída por um malandro de 15 anos que pretende enriquecer vendendo camas d'água diz mais sobre o futuro complicado dela e sua baixa autoestima do que sobre grandes ímpetos românticos.

Licorice Pizza é o último de vários filmes que provocaram "confusão", para citar Anderson. *Malcolm & Marie,* produção da Netflix escrita e dirigida por Sam Levinson, sobre um diretor de cinema, interpretado por John David Washington, de 36 anos, e sua namorada, vivida por Zendaya, então com 24 anos, gerou críticas pela diferença de 12 anos entre os dois.

Zendaya atribuiu o burburinho ao fato de o público estar acostumado a vê-la em papéis de colegial na franquia *Homem--Aranha*. Mas talvez também tenha sido porque Levinson havia tocado no tema da fetichização de meninas adolescentes no filme anterior, *País da Violência*. O fato de a diferença de idades comparativamente pequena ter gerado queixas pode ser, de toda forma, um indício de que a tolerân-

cia do público para o retrato da diferença de idade esteja se dissipando.

Não é sem tempo. "Os homens na tela têm uma vida inteira, e as mulheres têm validade limitada", diz Nicky Clark, fundadora do grupo de ativistas Interpretando a Sua Idade, que faz *lobby* por elencos com idades apropriadas e pela representação de mulheres mais velhas. "Desde o início dessa indústria, as mulheres tinham de se aposentar aos 40 e não fazer nada especialmente interessante se trabalhassem depois dessa idade. E isso, na verdade, não mudou."

Segundo a atriz Polly Kemp, cofundadora da campanha ERA 50:50, não há mistério por trás da tendência de escalar mulheres muito mais jovens para contracenar com atores mais velhos. "Acho que tem a ver com o fato de que eram predominantemente homens brancos e mais velhos que encomendavam, financiavam e produziam. Acho que, lentamente, as coisas estão mudando, mas, para as mulheres de meia-idade, a luta ainda é grande. Não me vejo (representada) porque sou de meia-idade, pós-menopausa. Não sou mais considerada sexy."

> "Os homens na tela têm uma vida inteira, e as mulheres têm validade limitada", critica Nicky Clark

Uma posição elevada na lista *top* de atrizes oferece certa proteção para uma artista ser considerada protagonista romântica viável com mais de 30 anos, mas de forma alguma uma garantia. Aos 37 anos, Maggie Gyllenhaal ouviu que era velha demais para fazer a amante de um homem de 55. "Para mim foi chocante", disse ela. "Me fez sentir mal, depois muito brava e depois me fez rir."

Enquanto isso, em filmes como *Armadilha,* a diferença de 39 anos entre Sean Connery e Catherine Zeta Jones era quase tão inverossímil quanto a trama que sugeria que Connery, aos 68, poderia saltar por um tubo de ventilação para escapar de perseguidores.

E há, é claro, Woody Allen, um ofensor contumaz no que se refere a decisões de elenco duvidosas, que atribuiu para si próprio Charlize Theron, de 26 anos, como alvo romântico em *O Escorpião de Jade.*

A indústria do cinema pode ser complacente e vagarosa para agir quando se trata de adotar mudanças importantes. Mas tende sempre a reagir à ameaça de fracasso comercial. Em Sundance, a tendência ao questionamento da diferença de idade pode ter tanto a ver com questões de bilheteria quanto com um reenquadramento dos papéis femininos depois do #MeToo. Mas o fato de eles existirem já é um passo à frente, certo?

Kemp é cautelosamente positiva. "Claramente, a indústria está dando um tempo nesse tipo de representação para examinar essa questão. Desconfio que, diante do que aconteceu nos últimos anos, haja uma relutância em ter mulheres muito jovens em relações sexuais com homens mais velhos no cinema. "Acho que as pessoas estão achando um pouco nauseante o tipo de filme que Woody Allen fazia."

Clark não tem tanta certeza. Sobre a elogiada atuação de Emma Thompson em *Good Luck To You, Leo Grande,* ela diz: "Ela está sendo chamada de 'corajosa' por estar nua ou fazendo cenas de sexo. Isso é deprimente. Não ouvimos Brad Pitt ser chamado de corajoso quando ele tirou a camisa em *Era Uma Vez em Hollywood.* É como se lhe tivesse sido dada permissão, e aí todo mundo sabe que ela é mais velha, e isso se torna encantador e atraente. Mas, não havendo essa permissão, não, não é encantador e atraente. É uma atriz que continua no topo do desempenho, atuando com brilho e contando uma história que não é muito contada. Então, damos pequenos passos, mas logo depois eles são puxados para trás". •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Par. Em *O Escorpião de Jade,* Allen atribuiu para si próprio CharlizeTheron, de 26 anos

DREAMWORKS/VCL

AFONSINHO

Embates calorosos

▶ Apesar de serem muitas as competições em curso, o assunto mais palpitante destes dias foi, sem dúvida, a decisão do mundial, com a disputa entre Palmeiras e Chelsea

Nem bem o ano começou e a gente já se vê perdido em meio a uma quantidade enorme de competições, que vão de decisões de campeonatos sob o sol escaldante a disputas feitas no gelo. Isso, falando apenas de esportes. Na vida em geral, o cenário é mesmo de amargar.

Antes de entrar na seara esportiva, farei um desabafo. Fiquei atônito ao ler a notícia sobre a jovem piauiense de 21 anos, moradora numa localidade a 150 quilômetros de Teresina, que pariu, há mais de 20 dias, o filho Yuri em uma maternidade da capital e não pôde sair de lá porque não possuía documento de identidade. Antes, essa mesma mulher, Maria Cristina Oliveira de Lima, não conseguiu se casar com o marido justamente por não possuir documento. Maria Cristina, em outra ocasião, tivera um atendimento médico negado.

Isso tudo acontece porque ela, simplesmente, não possui a certidão de nascimento, que, presumidamente, todos os brasileiros devem ter. Pelo que li, ela não obteve esse documento porque, provavelmente nascida em casa, não recebeu a Declaração de Nascido Vivo (DNV).

Procurados pelos jornalistas, Maria Cristina e seu marido esclareceram que, orientados, já haviam recorrido à Defensoria Pública, que se encarregaria de resolver o caso. Na semana passada, depois de um mês no hospital, a família conseguiu retornar para casa, em Miguel Alves, cidade a 119 quilômetros da capital do estado.

Não disse que era de amargar?

Mas, registrada mais uma história tão emblemática dos absurdos deste nosso país, retomo ao meu assunto costumeiro, que é o futebol.

Sem dúvida alguma, o tema mais palpitante destes dias foi a decisão mundial, ocorrida no domingo 20, entre Palmeiras e Chelsea.

Houve, além disso, as oitavas de final da Liga dos Campeões da Europa, com o eletrizante PSG x Real Madrid, vencido pelo primeiro. A decisão ficou a cargo do último lance do jogo, que teve um gol espetacular de M'Bappée, depois de um passe de calcanhar de Neymar, que entrou no meio do segundo tempo. A dupla salvou o time da mancada de Messi, que desperdiçara um pênalti.

Como se não bastassem essas partidas eletrizantes, houve ainda a "coça" do Manchester City sobre o Sporting, por 5x0, em Lisboa, na terça-feira 16 – também pela Liga dos Campeões.

Mas, voltando à grande partida que mobilizou os brasileiros no fim de semana, assisti a Palmeiras e Chelsea em uma mesa diversificada, que incluía crianças – como sempre, as mais lúcidas.

A mesa era animada, com a maioria dos torcedores dando força ao time inglês, alegando que os esmeraldinos iriam tripudiar, caso saíssem vitoriosos. Eu, do meu lado, só pensava na grande torcida palmeirense de Jaú, cidade do interior de São Paulo onde a descendência italiana é predominante. Sofrido. Foi mais um jogo sensacional do campeonato, e mais uma vez decidido com pênalti.

Confesso que não tenho visto o Palmeiras jogar com muita frequência, mas, baseado na decisão da Copinha e nos comentários da mídia, estava com a ideia de um jogo de igual para igual, e com boas chances para o alviverde.

Os opositores não se cansavam de incriminar o time brasileiro, argumentando que, o tempo todo, só jogava se defendendo. Embora fosse o que se via em campo, a "real" é que quem dizia isso eram flamenguistas, no fundo mordidos de inveja.

Passado o jogo, com a consequente tristeza – principalmente de quem foi até Dubai –, a conclusão não pode ser nem de desencanto com o estágio atual do futebol brasileiro nem com a tendência a se "dourar a pílula", dizendo que o Palmeiras jogou de "igual para igual". Não é verdade.

Caímos, dessa forma, na discussão mais calorosa deste verão, de que há tempos não conseguimos vencer decisões contra times europeus. O que mais me chamou a atenção, de toda forma, foi ver um jogador franzino, de alta técnica e capacidade criativa como o talentoso Gustavo Scarpa, correndo para trás a dar carrinho nos atacantes adversários. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

Vinte mil léguas amazônicas

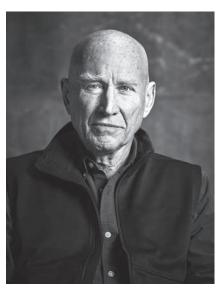
FOTOGRAFIA Sebastião Salgado expõe centenas de imagens resultantes de 48 aventurosas expedições à floresta

POR ANA PAULA SOUSA

Quando convidado a detalhar a preparação para as expedições que fizera pela floresta amazônica, Sebastião Salgado ganha uma expressão de menino. Tanto quanto a fotografia e a natureza, a aventura o apaixona. "Ninguém imagina o que é fazer essas viagens. Pouco me perguntam como é na prática", diz, antes de desfiar a impressionante organização que antecedeu cada uma das 48 viagens que resultaram nas fotografias exibidas em *Amazônia*.

A exposição foi aberta na terça-feira 14 no Sesc Pompeia, em São Paulo, onde fica em cartaz até junho. Depois, seguirá para o Museu do Amanhã, no Rio, e para Belém. Antes, estivera no Museu da Música, em Paris, e no MAXXI Museu, em Roma. Essas mesmas imagens compõem um volume editado pela Taschen, em 2021.

As imagens – 200 delas impressas em tamanhos que variam de um a dois metros e 200 projetadas em telas – são fruto de sete anos de um trabalho que, desvendado em seus detalhes, soa como uma narrativa de Júlio Verne. Sebastião Salgado, nascido há 78 anos em Minas Gerais, levou sua câmera para o meio da mata, para o meio dos rios, para o alto do Pico da Neblina, para dentro de monomotores e para estúdios montados em aldeias.

"A preparação?", repete, com um sorriso sutil, ao ouvir a primeira pergunta da entrevista concedida dias antes da abertura da exposição. "Para começar, tenho que levar minha própria alimentação, porque a Funai não permite que a gente coma a comida dos índios", começa. "Deixamos para comprar os mantimentos sempre na última aldeia. Levamos sal, pimenta-do-reino, carne-seca, linguiça defumada... É

Salgado leva consigo três classes de antibiótico

uma lista exaustiva. Antibióticos, tenho de levar três classes deles, para cobrir todo tipo de infecção. Tem antibiótico para os olhos, para os dentes, tem anti-inflamatório, tem esparadrapo. Na floresta, qualquer cortezinho pode infeccionar. Não temos imunidade para as bactérias da floresta. E tem muita bactéria, porque tem lugares em que a vegetação apodrece."

Tão vitais quanto os antibióticos são os dois painéis solares que, torrando ao sol durante o dia, garantem que todos os aparelhos possam ser recarregados à noite. Há desde as baterias para a câmera até o aparelho por meio do qual o fotógrafo, via satélite, liga diariamente para a mulher. Além disso, havia, obviamente, o *kit* básico: lona, rede, lanterna e mosquiteiro.

As equipes que participaram das expedições que resultaram nessa Amazônia de certa forma inédita para os olhos eram compostas, em geral, de umas 18 pessoas. Havia, entre elas, capitães-do-mato, canoeiros, antropólogos e tradutores específicos para cada uma das 12 comunidades indígenas. Em seu relato – aventureiro no conteúdo, mas discreto e suave na forma –, Salgado dá alguma ênfase às travessias aquáticas. As viagens de dois ou três dias por igarapés tinham de ser feitas por canoeiros habilidosos o bastante para contornar o peso exagerado da embarcação. "A gente carrega uns 2 mil, 3 mil quilos. E leva uma motosserra para cortar troncos que aparecem no meio do rio", diz.

Salgado também conta ter mais medo de umas formigas grandes, das quais esquece o nome, do que de cobra e de onça. "A cobra é grande, a gente vê. Se a gente levanta à noite, liga a lanterna e verifica todo o chão, formiga você não vê", descreve. "E vespa então?". O *making off* da aventura será, inclusive, tema de uma outra exposição, a ser inaugurada em março no Itaú Cultural, com fotos feitas por Lélia Wanick Salgado, com quem o fotó-

grafo é casado há 55 anos, e pelo jornalista Leão Serva.

Fotógrafo-celebridade, Salgado, que vive em Paris, conhece mais de 130 países, fez centenas de exposições, lançou dezenas de livros e foi até o protagonista real de um documentário indicado ao Oscar e premiado em Cannes – *O Sal da Terra*, dirigido por seu filho Juliano Salgado e por Win Wenders.

Mas voltar ao Brasil, diz, com evidente sinceridade, é sempre um voltar para casa, um retornar ao começo de tudo, à roça onde crescera, no interior mineiro. "Quero mostrar para nós mesmos o que são esses índios, o que é a Amazônia. Tudo isso é nosso e precisa ser protegido", afirma, com um breve rasgo de emoção. "Hoje, temos um predador (no comando do País), e eu acho que isso, de alguma forma, contribuiu para um despertar da consciência."

Idealizada e concebida por Lélia, *Amazônia* se pretende um mergulho sensorial na floresta. O ambiente é composto pela trilha sonora criada pelo músico francês Jean-Michel Jarre a partir de sons da floresta e conta com testemunhos de lideranças indígenas que deixam claro o significado político da mostra. A música se faz presente ainda por meio do poema sinfônico *Erosão – Origem do Rio Amazonas*, de Villa-Lobos, que acompanha a projeção das fotografias em telas.

Prestes a encerrar a entrevista para voltar a medir a intensidade da luz durante a montagem, Salgado foi questionado sobre o que desejava mostrar quando resolveu fotografar a Amazônia. Ele faz então uma pequena pausa e ensina: "A sua questão, a gente não se põe. Nenhum fotógrafo quer mostrar, ele quer ir ver. Ele fotografa o que tocou o coração dele. Na Amazônia, houve momentos em que eu não pude fotografar porque estava com os olhos cheios de lágrimas". •

Amazônia revela 12 comunidades indígenas

SEBASTIÃO SALGADO/AMAZONAS IMAGENS E RENATO AMOROSO

A FICHA TÁ CAINDO?
NÃO.
DESABANDO!
Edvard Munch

Ouça nas principais plataformas de streaming
Carta
FRIEDRICH EBERT STIFTUNG
BRASIL